

**REVISÃO DO GÊNERO BARBICORNIS GODART, 1824 (LEPIDOPTERA,
LYCAENIDAE, RIODININAE) ***

**REVISION OF THE GENUS BARBICORNIS GODART, 1824
(LEPIDOPTERA, LYCAENIDAE, RIODININAE) ***

MARLENE LAUTERJUNG AZZARÁ **

RECEBIDO EM 12-09-77

APROVADO EM 14-09-77

INTRODUÇÃO

Ao iniciar a determinação dos exemplares do gênero **Barbicornis** Godart, 1824 da Coleção do Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Paraná, encontrei cerca de trinta nomes específicos, subespecíficos, formas, variedades e aberrações descritos e citados em numerosos trabalhos, o que demonstrou tornar quase impossível sua identificação.

O estudo da morfologia e da distribuição geográfica que empreendi demonstrou pertencerem todos à mesma espécie, passando então o gênero **Barbicornis** a ser uniespécífico e a espécie **basilis** a apresentar oito subespécies, das quais duas novas. Estas oito subespécies são separáveis em dois grupos, em que as do primeiro se caracterizam pelo corpo inteiramente revestido de escamas negras e ocupam a região leste da distribuição geográfica da espécie, correspondente à Mata Atlântica em grandes traços, a saber: **basilis** ao norte (Espírito Santo, Rio de Janeiro e leste de Minas Gerais), **mona** (do sul de Minas Gerais até o Sul do Brasil, Uruguai, Nordeste Argentino e Paraguai), **ephippium** (do Sudeste do Rio Grande do Sul). As subespécies do segundo grupo, além das escamas negras que revestem a maior

* Contribuição n.º 408 do Departamento de Zoologia, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná. Tese de Mestrado apresentada ao Departamento de Zoologia, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

** Bolsista do CNPq. Departamento de Zoologia, Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná.

parte do corpo, sempre apresentam escamas alaranjadas em algumas regiões da cabeça, tórax e abdome e ocupam o leste da distribuição: **acroleuca** (do Paraguai), **tucumana** (das encostas dos Andes na Argentina), **marginata** (do sudeste de Goiás e Bahia) e duas subespécies novas: **paraopeba** (do centro de Minas Gerais e centroeste de Goiás) e **bahiana** (do norte da Bahia).

MATERIAL E MÉTODOS

O material que serviu de base para este estudo compõe-se de 131 exemplares provenientes das seguintes coleções e os respectivos responsáveis pelo empréstimo:

- Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil — (DZ).
- Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil — (MN), Prof. Alfredo Rei do Rêgo Barros.
- Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil — (MZ), Prof. Nelson Bernardi.
- Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil — (IOC), Prof. José Juerberg.
- Zoologisches Museum, Humboldt-Universitaet, Berlim, República Democrática Alemã — (ZMB), Dr. H. J. Hannemann.
- Coleção Heinz Ebert, Rio Claro, São Paulo, Brasil — (HE).
- Coleção R. F. d'Almeida, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil — (ALM), atualmente depositada no Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil.
- Coleção Paulo Gagarin, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil — (PG).
- Coleção Olaf Hermann Hendrik Mielke, depositada no Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, Brasil — (OM).

Além destes exemplares recebi fotos coloridas das seguintes Instituições:

- British Museum (Nat. Hist.), Londres, Inglaterra — Dr. A. Watson e Dr. P. R. Ackery.

— Zoologische Sammlung des bayerischen Staates, Munique,
Alemanha — Dr. W. Forster.

Foram vistas fotos coloridas dos seguintes tipos: **melanops** Butler, 1873; **dibaphina** Butler, 1873; **mona** Westwood, 1851; **tucumana** Thieme, 1907 e **ephippium** Thieme, 1907. Não foi possível ver o tipo e examinar outros exemplares de **acroleuca** descrita por Berg em 1896, como procedente do Paraguai.

Dos 131 exemplares examinados, somente um total de 26 pertence às subespécies do segundo grupo: **tucumana**, **marginata**, **paraopeba** e **bahiana**, sendo este material relativamente escasso para tirar conclusões definitivas.

O estudo da morfologia externa de palpos, pernas, genitália e asas baseou-se, na dissecção das referidas partes de exemplares representantes das diversas subespécies. Palpos, pernas e genitália foram fervidas em KOH 10%, o que facilitou a remoção das escamas. As asas passaram pelo seguinte processo, que permitiu uma clara visualização das veias: um banho em álcool 70° para retirar a gordura; em hipoclorito de sódio (vulgarmente QBOA ou água sanitária) até clarear; em ácido acético 20% e lavagem em água. Coloração com algumas gôtas de mercúrio cromo, deixando em média de 2 a 5 horas; lavagem em água; desidratação em álcool absoluto; banho em xanol; montagem da asa em Bálsamo do Canadá entre lâmina e lamínula.

As pernas, palpos e genitália após serem desenhados em glicerina, com auxílio de uma câmara clara e Lupa Wild-M5, foram acondicionados no líquido denominado de GFA, preparado segundo fórmula de Oiticica Filho (41, p.6): 45% de glicerina, 5% de ácido fênico e 50% de água destilada.

As medidas nas asas foram efetuadas por meio de uma ocular micrométrica. O comprimento máximo da asa anterior foi medido da base ao ápice; a largura máxima da asa anterior, da margem costal ao tórno; o comprimento do prolongamento alar a partir da veia M_2 até a extremidade.

As manchas a que se faz referência no texto se entendem como resultantes da cobertura por escamas da cór citada.

As citações na sinonimia, assinaladas com um asterisco, não foram consultadas.

RESULTADOS

Barbicornis Godart, 1824

Espécie tipo: **Barbicornis basilis** Godart, 1824, por monotipia.

Barbicorne Latreille, 1824, in Latreille & Godart, Enc. méth., 9:705
(tax.). — Latreille, 1825, in Latreille & Godart, Fam. Règne Anim.,
p. 469 (tax.) * — Audouin, 1828, Résumé Entomol., Encycl. port.,
2:182 (tax., morfol.)* — Audouin, 1836-46, in Cuvier, Régne
Anim., Ins. Atl. 2, t. 143 (tax.).

Barbicornis Godart, 1824, in Latreille & Godart, Enc. méth., 9:706
(tax.). — Horsfield, 1828, Descr. Cat. Lep. Mus. E. — Ind. Comp.,
1:62 *. — Gray, 1832 & 1835, in Griffith, Anim. Kingdom, 15:677.
— Boisduval, 1836, Spéc. gen. Lép., 1:118 (tax., cat.). — Audouin,
1836-46, in Cuvier, Régne Anim., Ins. Atl. 2, t. 143 (tax.). —
Burmeister, 1837, Handbuch Naturg., p. 632*. — Voigt, 1839,
in Cuvier, Thierreich, 5:538*. — Westwood, 1840, Introd. Class.
Ins., p. 358 (morfol.). — Blanchard, 1840, Hist. Anim. artic.,
3:466. — Hoeven, 1850, Hand. Zool., p. 396*. — Westwood,
1851, in Doubleday, Westwood & Hewitson, Gen. diurn. Lep.,
1:121 (tax., cat.). — Ménétriés, 1855, En. Corp. An. Mus. Petr.,
1:50 (cat., dist. geogr.). — Weidermeyer, 1864, Proc. Ent. Soc.
Philadelphia, 2 (sep. p. 30)*. — Bates, 1868, J. Linn. Soc., Lon-
don, Zool., 9:432 (cat.). — Herrich-Schaeffer, 1868, Corr. — Blatt.
zool. — min. Ver. Regensburg, 22:125 (cat.). — Kirby, 1871,
Syn. cat. diurn. Lep. p. 307. (cat., dist. geogr.). — Butler, 1873,
Cistula Ent., 1:170 (tax.). — Scudder, 1875, Proc. Am. Ac. Arts &
Sc., Boston, 10:125 (cat.). — Kirby, 1877, Syn. cat. diurn. Lep.,
Suppl., p. 756 (cat., dist. geogr.). — Kirby, 1879, Cat. coll. diurn.
Lep. Hewitson, p. 200 (lista, dist. geogr.). — Kirby, 1880, Scient.
Proc. R. Dublin. Soc., n. ser., 2:313. — Glaser, 1887, Cat. etymol.
Coleopt. Lepidopt., p. 277. — Staudinger, 1888, in Staudinger &
Schatz, Exot. Schmett., 1:246 (tax.). — Roeber, 1892, in Staudin-
ger & Schatz, Exot. Schmett., 2:244, t. 42 (morfol.). — Reuter,
1896, Acta Soc. Sc. Fenn., 22(1):159 (morfol.). — Berg, 1896,
Ann. Mus. Buenos Aires, 5:1, (tax.). — Mengel, 1905, Cat. Ery-
cin., p. 72 (cat., dist. geogr.). — Boenninghausen, 1901, Deut.
Ent. Ztschr. Iris, 14:71 (tax., dist. geogr.). — Roeber, 1905, Stett.
Ent. Ztg., 66:249. — Thieme, 1907, Berl. Ent. Ztschr., 52:7 (tax.).
— Stichel, 1909, Berl. Ent. Ztschr., 54:42 (tax., dist. geogr.). —
Stichel, 1910, in Wytsman, Gen. Ins., 112A, p. 149, t. 9, fig.
36 a-e (tax., morfol.), (= **Barbicorne**, **Chroma**). — Seitz, 1917,
Gross-Schmett. Erde 5:663 (tax.) — Hayward, 1934, Physis, Buenos

Aires 17:337 (tax., cat.). — Hayward, 1950, Acta Zool. Lilloana, 9:147 (cat.). — Cowan, 1967, J. Soc. Biblphy. nat. Hist., 4(6):308. — Hemming, 1967, Bull. Brit. Mus. (Nat. Hist.), Suppl. 9, p. 73 (cat.).

Barbicornia (**sic**); Berthold, 1827, in Latreille, Nat. Fam., p. 471, 474, 475 *. — Burmeister, 1829, Ins. Syst. nat., p. 27 *.

Barbicomis (**sic**); Piepers, 1904, Deut. Ent. Ztschr. Iris, 16:253 (morfol.).

Chroma Gray, 1832, in Griffith, Cuvier's Anim. Kingdom, 15, t. 102 na p. 677 *. Scudder, 1875, Proc. Am. Ac. Arts. & Sc., Boston, 10:141 (cat.). — Hemming, 1967, Bull. Brit. Mus. (Nat. Hist.), Suppl. 9, p. 114 (cat., tax.).

HISTÓRICO

Godart em 1824 criou o gênero **Barbicornis** para abrigar a única espécie, **basilis**, descrita por ele na mesma oportunidade. Berthold (1827) e Burmeister (1829) usam **Barbicornia**. Os primeiros detalhes morfológicos foram desenhados e descritos por Westwood em 1840, que para tal baseou-se em **Barbicornis basilis**. Blanchard (1840) redescreve-o e Roeber (1889 e 1892) publicou uma descrição morfológica mais detalhada; Reuter em 1896 descreveu minuciosamente os palpós. Piepers (1904) descreveu os apêndices alares (caudas) e por erro tipográfico usa o nome **Barbicomis**. Westwood (1851), Stichel (1910) e Hayward (1934) redescreveram-no, apresentando ao mesmo tempo um breve catálogo e Seitz (1917) somente faz a redescricão. Em 1909 Stichel publicou uma discussão taxonômica. Há várias citações com o respectivo catálogo: Bates (1868), Kirby (1871 e 1877), Scudder (1875), Mengel (1905), Hayward (1950) e Hemming (1967). Foi simplesmente citado por Boisduval (1836), Ménétriés (1855), Herrich-Schaeffer (1868), Butler (1873), Kirby (1879 e 1880), Glaser (1887), Staudinger (1888), Boenninghausen (1901), Roeber (1905), Thieme (1907), Stichel (1909) e Rebillard (1958). Cowan em 1967 definiu bem o autor da espécie, pois em toda a obra havia dúvidas a respeito da autoria entre Latreille e Godart. **Barbicorne** foi usado por Latreille (1824, 1825) e Audouin (1828 e 1846) como nome afrancesado.

Chroma, foi introduzido por Gray, como nome subgenérico de **Barbicornis** na legenda da figura 3 da estampa 102, onde é figurado **B. (Chroma) basilis (basalis ex. err.)**, sendo esta a espécie tipo, por monotipia. Stichel (1910) foi o primeiro a citá-lo como sinônimo júnior. Scudder em 1875 e Hemming em 1967 dão o histórico de **Chroma**.

DESCRÍÇÃO

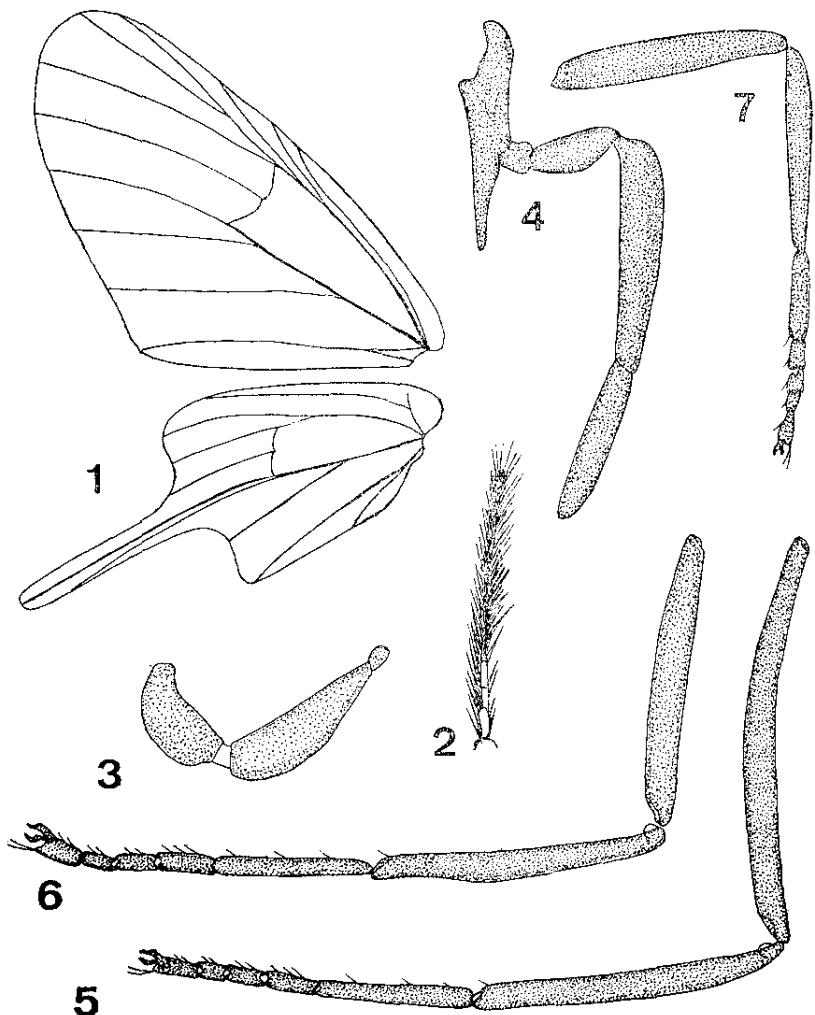
Os caracteres reunidos sob esta epígrafe são comuns a todas as subespécies e a descrição da espécie **basilis** reduz-se praticamente à distribuição das escamas coloridas nas asas.

Cabeça pequena, sendo a face 1,2 vezes mais larga que o olho. Revestimento de escamas formando entre a base das antenas um pequeno tufo. Olhos glabros. Antenas (fig. 2) medindo pouco mais da metade da margem costal da asa anterior, com dilatação apical muito sutil e revestimento escamoso dando a impressão de pilosidade nos 5/6 basais. Atrás da inserção das antenas há áreas sensitivas protuberantes, com cerdas finas e retas. Colar densamente revestido de escamas eretas de diversas dimensões. Palpos (fig. 3) curtos, invisíveis dorsalmente, com escamas longas na face ventral e menores nas partes restantes; segmento basal robusto e reniforme, duas vezes mais longo que largo; segmento mediano de comprimento equivalente a três vezes a largura do segmento basal e de largura máxima comparável à do segmento basal e a largura mínima de um quarto da largura máxima, na região apical; segmento terminal pequeno e gutiforme.

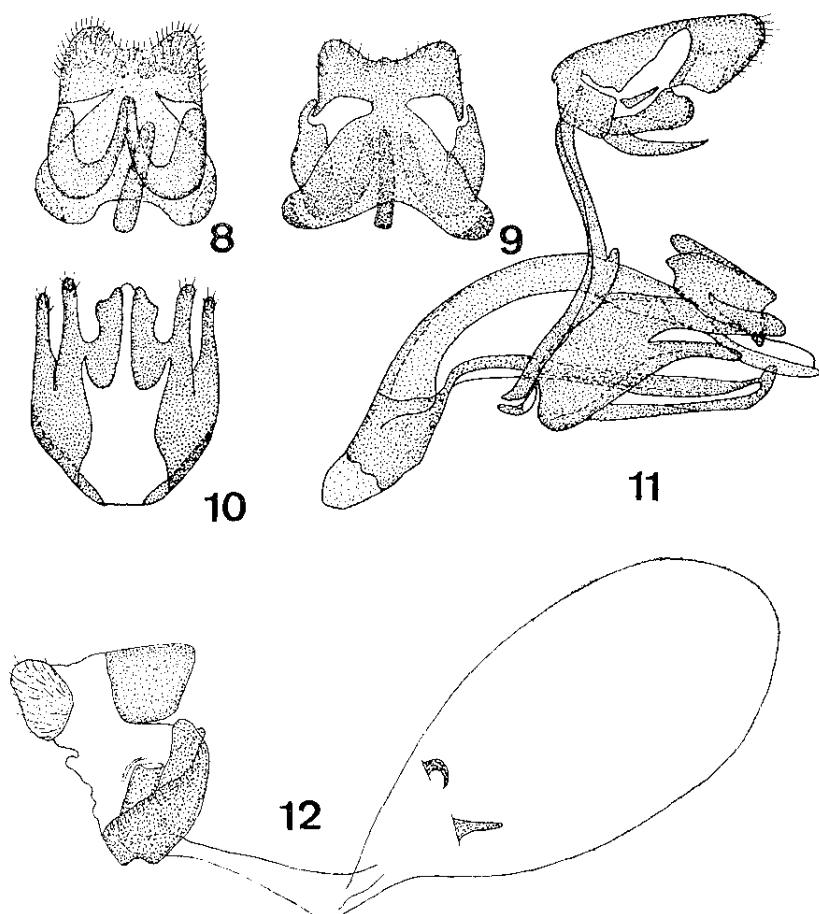
Tórax e abdome delgados, revestidos de escamas negras. Tégulas longas, quase alcançando o início do escutelo 2, com escamas grandes e alargadas apicalmente e entremeadas com outras finas e longas como pêlos. As asas, franjadas, podem apresentar manchas brancas, amareladas ou alaranjadas, de forma, tamanho e distribuição variáveis; asas anteriores (fig. 1), alongadas, subtriangulares; margem costal levemente arqueada, ápice arredondado, margem externa convexa entre as veias $R_4 + 5$ e M_3 e reta entre M_3 e 2A; margem interna reta; Sc livre, terminando no meio da margem costal; setor radial com quatro veias alcançando a margem costal e o ápice; R_1 e R_2 originando-se do setor radial antes da extremidade anterior da cécula discal e R_3 quase que imediatamente após a oclusão da cécula; $R_4 + 5$ originando-se no fim do primeiro terço basal de R_3 e terminando no ápice; medianas mais ou menos paralelas, sendo a M_1 desde R_3 imediatamente após a cécula discal, até M_2 no meio da discoceular e a M_3 no ângulo inferior e discal da cécula; duas cubitais também paralelas entre si; a Cu_1 partindo próximo do ângulo inferior da cécula e a Cu_2 entre a base e a origem de Cu_1 ; veia 2A mais ou menos paralela à margem interna e 3A curta e fundida à 2A. Asas posteriores (fig. 1), com margem costal reta e ápice bem arredondado; margem externa com um prolongamento na parte mediana, acompanhando longitudinalmente a veia M_3 e parcialmente a Cu_1 ; Sc + R_1 terminando pouco antes do ápice e Rs um pouco abaixo,

ficando o ápice portanto entre Sc + R₁ e Rs; M₁ originada aproximadamente no meio de Rs; discocelular muito fraca, com sua origem no quarto basal da M₁; M₂ surgindo do centro da discocelular e M₃ do ângulo inferior distal da célula; Cu₂ originada no centro da célula discoidal; 2A termina no tórno e 3A no meio da margem interna.

Pernas anteriores do macho (fig. 4) atrofiadas, revestidas de es-



Figs. 1-7. Morfologia externa de *Barbicornis basilis basilis* Godart, 1824. Macho (DZ 1254): Fig. 1 — Venação; Fig. 2 — parte basal da antena; Fig. 3 — palpo; Fig. 4 — perna anterior; Fig. 5 — perna mesotorácica; Fig. 6 — perna metatorácica. Fêmea (DZ 1256): Fig. 7 — perna anterior.



Figs. 8-12. Genitália de *Barbicoris basilis* basalis Godart, 1824. Macho (DZ 1254): Fig. 8 — vista ventral do tegumen, unco e gnatho; Fig. 9 — vista dorsal do tegumen, unco e gnatho; Fig. 10 — vista dorsal das valvas e da transtilla; Fig. 11 — vista lateral. Fêmea (DZ 1256): Fig. 12 — vista lateral.

camas longas e finas. Coxa longa, alargada na base e estreitando-se gradativamente em direção ao ápice arredondado: trocânter pequeno; fêmur medianamente alargado; tibia longa e tarso unisegmentado. Pernas anteriores da fêmea (fig. 7) normais; fêmur e tibia longos e tarso pentâmero. Pernas médias e posteriores de ambos os sexos semelhantes à anterior da fêmea; o fêmur da perna média mais longo que o da posterior; tibias e tarsos sem diferença notável (figs. 5 e 6).

A genitália masculina (figs. 8 a 11) é típica de Riodininae, sendo o tegumen cordiforme e ligado ao unco pela região estreitada. O

unco posteriormente é bilobado, sendo as projeções curtas, arredondadas e repletas de cerdas. O gnatho é recurvado para trás, como na maioria dos Lycaenidae. As valvas apresentam duas projeções e estão unidas dorsalmente pela transtilla. O aedeagus é curvo e está preso pela fíbula bastante desenvolvida, à extremidade de uma estrutura projetada para trás e presa na base das valvas.

A genitália feminina (fig. 12), apresenta dois ganchos quitinosos dentro da bolsa copuladora e o ostio abre-se na parte lateral esquerda e posterior à lamela antevaginalis.

DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Stichel (1910), situou o gênero **Barbicornis** na segunda stirps "Baeotidini" da tribo "Ancyliridi".

Os "Baeotidini" tem como caracteres distintivos a origem da veia R_2 (denominada de subcostal 2 por Stichel) próxima (coincidente ou anterior) ao término da célula discal. Em **Barbicornis** essa veia nasce claramente antes da extremidade da célula discal (fig. 1), separando-se facilmente por este caráter de **Syrmatia**, **Chamaelimnas** e **Cartea** e concordando com a maior parte dos gêneros incluídos nesta stirps. Nas asas posteriores e bifurcação de Rs e M_1 , dá-se antes do término da célula discal em **Barbicornis**, o que o separaria dos gêneros **Metacharis**, **Syrmatia**, **Charmona**, **Comphotis**, **Crocozona**, **Baeotis**, **Amphiselenis** e **Lucilla**. Ainda nas asas posteriores há um caráter de muito fácil observação: o prolongamento alar (cauda) sustentado pela veia M_3 , e que ocorre em **Barbicornis** e **Syrmatia** e de modo vestigial em **Riodina**.

Estes três gêneros são separáveis entre si pelos seguintes caracteres: a) antenas com dilatação apical muito sutil em **Barbicornis** e com dilatação apical mais acentuada em **Syrmatia** e **Riodina**; b) antenas (fig. 2) revestidas de escamas longas dando a impressão de pilosidade em **Barbicornis** e escamas curtas em **Syrmatia** e **Riodina**; c) o segundo artigo do palpo é duas vezes mais longo que o primeiro em **Barbicornis** e **Syrmatia** e três vezes mais longo em **Riodina**.

Como pode-se observar pelos dados acima, há uma inconseqüência na denominação das tribos e stirps. O gênero tipo **Riodina** Westwood, que dá o nome à subfamília Riodininae, incluído nesta categoria por Ehrlich em 1958 e 1967 e Comon (1970) em Lycaenidae e por Clench (1955) e Elliot (1973) em família a parte, Riodinidae. **Barbicornis** será portanto um membro da tribo Riodinini, como já está em Clench, 1955, sendo estranho ainda o uso das antigas denominações de Stichel por Hayward em 1973.

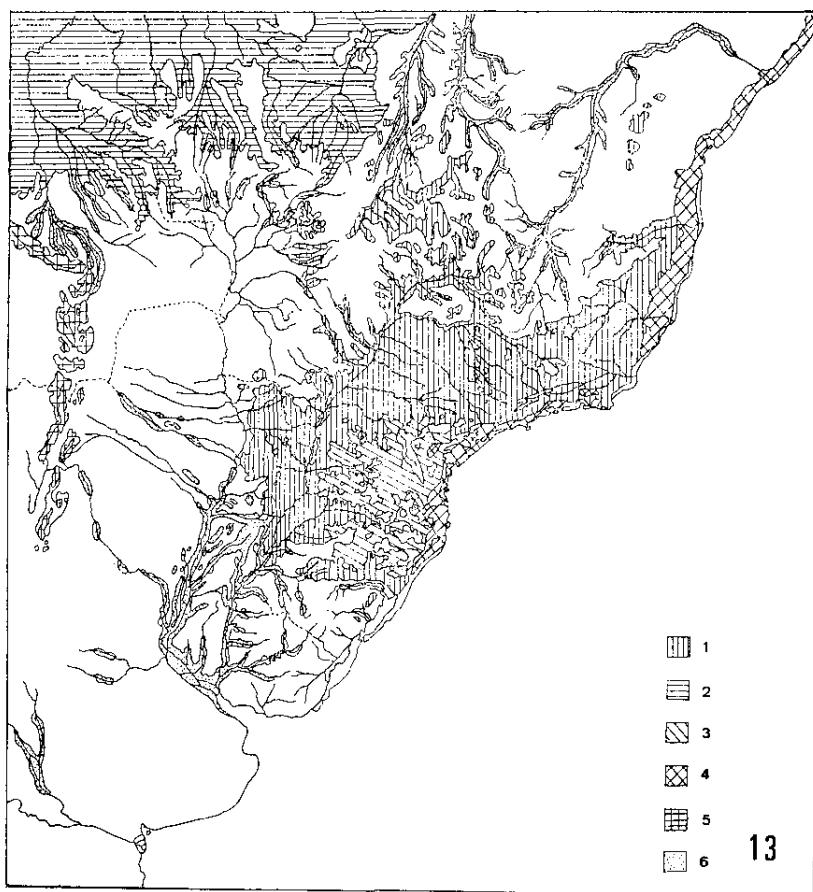


Fig. 13: Distribuição das formações florestais, adaptada de Hueck & Seibert (1972): 1. Floresta tropical e subtropical; 2. Floresta pluvial amazônica; 3. Floresta de *Araucaria augustifolia*; 4. Floresta pluvial da Costa Atlântica; 5. Florestas Tucumano-Bolivianas; 6. Matas de galeria.

ESTUDO DA ESPÉCIE

Barbicornis basilis Godart, 1824

Barbicornis basilis Godart, 1924, in Latreille & Godart, Enc. méth., 9:706. (tax.).

DESCRIÇÃO

Macho: Comprimento da asa anterior entre 13,8 e 22,3 mm; largura máxima da asa anterior entre 7,3 e 10,8 mm.

Cor geral negra. Os palpos, metade inferior do fronto-clipeo, área temporal, occipício, genas, colar e extremidade abdominal podem apresentar-se alaranjadas. Asas anteriores e posteriores sem desenhos ou estes constituídos de manchas ou faixas brancas, amarelas ou alaranjadas.

Face dorsal com as veias leve ou fortemente destacadas em ambas as asas ou somente na posterior, de cor cinzento-clara, até as proximidades da margens. Asa anterior com desenho variável: mancha apical entre R_3 e M_1 , às vezes prolongada ao longo da margem externa até Cu_1 ; faixa subapical cuneiforme (parte alargada junto à margem externa) ou de margens relativamente paralelas, estendendo-se das proximidades da margem costal até a margem externa, e aí com um friso negro, ou está reduzida a uma mancha ovalada na região das discocelulares; grande mancha basilar de forma semicircular ou subtriangular, da base até junto à margem externa, outras vezes reduzida ou desmembrada em duas manchas, ficando uma na região do torno; a margem externa da asa anterior às vezes alaranjada, como continuação da faixa subapical em direção ao torno. Faixa subapical ligada ou não pelo seu centro à mancha basilar. Asa posterior às vezes com uma mancha na região de origem de Cu_1 e Cu_2 , cujo tamanho e forma são variáveis e que pode estar reduzida ou desmembrada em duas ou três manchas, das quais uma permanece basilar e as outras nos espaços entre as veias M_1 e $2A$; às vezes uma faixa marginal de largura variável entre M_1 e $2A$, ou reduzida a um ponto entre M_2 e Cu_1 . Franjas marginais de ambas as asas negras, alaranjadas ou brancas. Prolongamento alar da asa posterior de 3,8 a 10,8 mm de comprimento.

Face ventral semelhante à dorsal, veias ocasionalmente mais nítidas.

Fêmea: Comprimento da asa anterior entre 14,3 e 20,6 mm; largura máxima da asa anterior entre 8,1 e 11,5 mm.

Semelhante ao macho, com as asas mais arredondadas. Asa anterior com desenho variável: mancha apical entre R_3 e M_1 , às vezes prolongada ao longo da margem externa até Cu_1 , podendo haver manchas marginais isoladas entre Cu_1 e Cu_2 , Cu_2 e $2A$; faixa subapical semelhante à do macho; mancha basilar semicircular de limites bastante variáveis, sendo as margens inferior e superior às vezes

mais ou menos paralelas e côncavas e convexas respectivamente ou a margem superior pode ser paralela à faixa subapical, localizada entre a Sc e a linha entre a Cu₂ e 2A, alcançando às vezes a veia 2A em região próxima ao tórno, onde pode ocorrer uma mancha triangular separada da mancha basilar, neste caso reduzida, ou finamente ligada à faixa subapical pela região costal e na área entre a Cu₁ e Cu₂, onde termina. Asa posterior com mancha ocupando a metade inferior da célula, área pós-cellular até a altura da veia M₂, penetrando ligeiramente pela base do prolongamento alar até a proximidade da veia 2A, ou extremamente reduzida a uma linha basilar ou desmembrada em duas ou três manchas, das quais uma permanece basilar e as outras nos espaços entre as veias M₁ e 2A; podendo ocorrer uma faixa marginal de largura variável entre M₁ e 2A. Prolongamento alar da asa posterior de 4,6 a 10,6 mm de comprimento.

DISCUSSÃO TAXONÔMICA

A espécie **Barbicorns basilis**, politípica e extremamente polimórfica, possui cito subespécies, e pode-se separar em dois grandes grupos. O primeiro, ao qual pertencem **basilis**, **mona** e **ephippium**, caracteriza-se por apresentar a cabeça e o abdômen totalmente negros e com escamas coloridas somente nas asas. O segundo, ao qual pertencem **acroleuca**, **tucumana**, **paraopeba**, **marginata** e **bahiana** caracteriza-se por apresentar algumas partes da cabeça e a extremidade abdominal com escamas alaranjadas.

A morfologia externa e a genitália de todos os exemplares desta espécies são idênticos, o que levou a um novo **status** para muitas das espécies descritas anteriormente.

Com base nas datas de coleta de todos os exemplares, podemos afirmar que esta espécie parece ocorrer o ano inteiro, com menor freqüência nos meses de maio a setembro. Segundo informação verbal recebida do Prof. Olaf H. H. Mielke esta espécie voa no período da manhã e a subespécie **mona** foi várias vezes coletada em areia molhada à beira de córregos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

No Brasil ocorre desde os Estados da Bahia e Goiás até o Rio Grande do Sul. Ocorre ainda no Paraguai, na Argentina (Tucumán e Misiones), no Uruguai e na Bolívia (San Julien, Chiquitos e Bueyes). (Fig. 14).

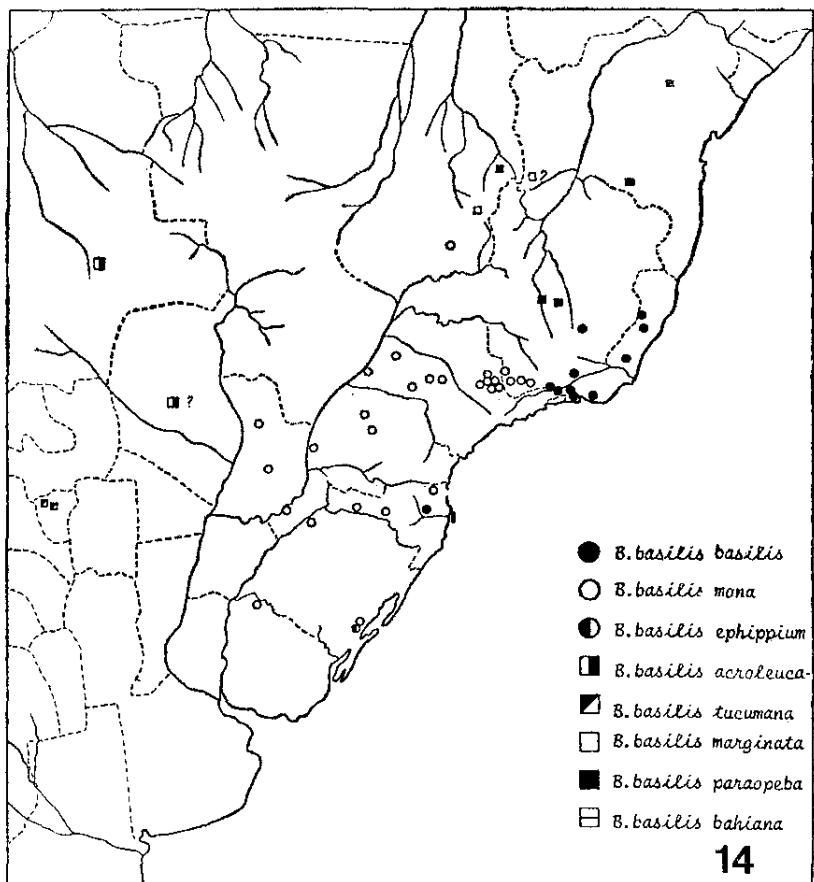


Fig. 14. Distribuição geográfica das subespécies de *Barbicornis basilis* Godart, 1824.

ANÁLISE ZOOGEOGRÁFICA

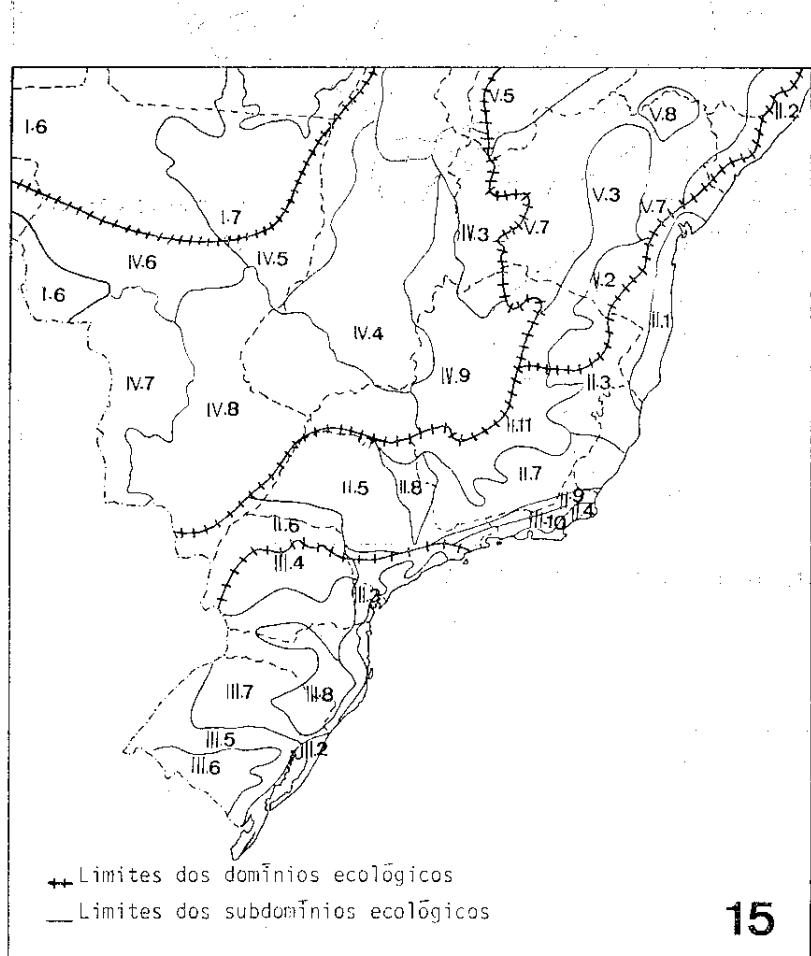
A coincidência entre a distribuição da espécie e das formações florestais na América do Sul e ainda informações pessoais recebidas do Dr. Heinz Ebert e do Prof. Olaf Hermann Hendrik Mielke permitem afirmar que a espécie em estudo é típica de formações fechadas.

"As formações vegetais são entidades dinâmicas, que se expandem ou se retraem, governadas principalmente pelos fatores climáticos. Os habitantes dessas formações, são impelidos a acompanhar esses deslocamentos, retrações e expansões" (Martins, 1971). As flutuações paleoclimáticas determinaram expansões e regressões de floras higrófilas e xerófilas seg. Schnell, 1967 in Martins, 1971, per-

manecendo áreas limitadas com completa ausência de vestígios de climas sécos, provando que persistiram regiões florestadas em duas fases secas na Serra do Mar do Sudeste do Brasil seg. Vanzolini, 1970.

A origem das oito subespécies de **basilis** poderíamos talvez atribuir ao fato da espécie ter sofrido a influência das mudanças climáticas e da consequente distribuição das regiões florestadas.

Sobrepondo o Mapa de "Domínios Ecológicos" do Brasil do "Quadro Natural" da publicação do IBGE — Subsídios à Regionalização — 1968 (Fig. 15), baseado em dados climáticos e edáficos cor-



15

Fig. 15. Mapa de domínios ecológicos.

relacionados com a vegetação, ao Mapa com a Distribuição Geográfica das subespécies, podemos montar a seguinte tabela:

TABELA I

domínios	II	III	IV	V
subdomínios	3 4 5 6 7 8 9 10	3 4 5 6 7	3 4 7 8 9	3 7
subespécies				
basilis	X X X X			
mona	X	XXXXXX	XXX	
ephippium		X		
marginata			XX	
paraopeba			X X X	
bahiana				X

CHAVE PARA AS SUBESPÉCIES DE **Barbicoris basilis** Godart, 1824

- 1 — Corpo negro, revestido inteiramente de escamas negras (grupo 1) 2
- Corpo negro, negro-escamoso, porém com escamas alaranjadas em algumas regiões da cabeça, tórax e na extremidade abdominal (grupo 2) 4
- 2 — Asa anterior com faixa subapical de escamas alaranjadas estendida até o meio da célula em forma de L; asa posterior inteiramente negro-escamosa (Rio Grande do Sul), (fig. 65) **ephippium**
- Asa anterior com faixa subapical de escamas alaranjadas sem formar L; asa posterior com ou sem mancha de escamas alaranjadas 3
- 3 — Asa anterior com grande mancha basilar e faixa subapical cuneiforme ou de margens paralelas, separadas ou unidas

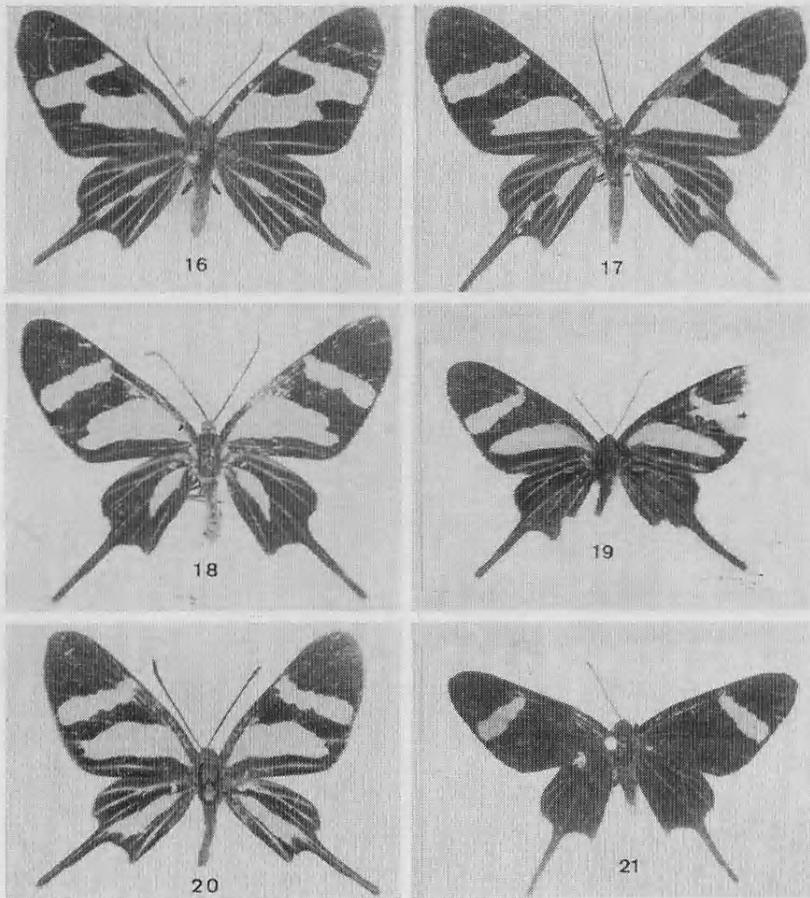
- em um ou dois pontos. Quando ausente a mancha basilar, a faixa subapical é nitidamente cuneiforme (Espírito Santo, Rio de Janeiro e Leste de Minas Gerais), (figs. 16 a 33) **basilis**
- Asa anterior sem mancha basilar; faixa subapical quando presente muito reduzida ou de lados paralelos (Oeste de Minas Gerais, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Uruguai, Paraguai e Misiones na Argentina), (figs. 34 a 51 e 66 a 67) **mona**
- 4 — Asa anterior com mancha na região das discocelulares (Minas Gerais, Goiás e Bahia), (figs. 52 a 57) **paraopeba**
- Asa anterior sem mancha na região das discocelulares 5
- 5 — Asa anterior no ápice, margem e franjas marginais com escamas alaranjadas; asa posterior com margem e prolongamento alar alaranjados (Distrito Federal, Bahia), (figs. 58 a 60) **marginata**
- Asa anterior no ápice, margem e franjas marginais com escamas brancas; asa posterior com margem e prolongamento alar negros 6
- 6 — Ápice da asa anterior branco escamoso entre R_3 e M_1 (mancha oval); franjas e às vezes um pouco da margem externa ao prolongamento alar com escamas brancas (Bahia), (figs. 61 e 62) **bahiana**
- Ápice da asa anterior finamente branco-escamoso entre R_3 e M_2 , não formando mancha oval; asas posteriores totalmente negras 7
- 7 — Exemplares de tamanho avantajado, com expansão alar de 37mm (Paraguai e Bolívia), (fig. 68). **acroleuca**
- Exemplares pequenos, com expansão alar entre 27 e 30 mm, (Tucumán, Argentina), (figs. 63 e 64) **tucumana**

ESTUDO DAS SUBESPÉCIES

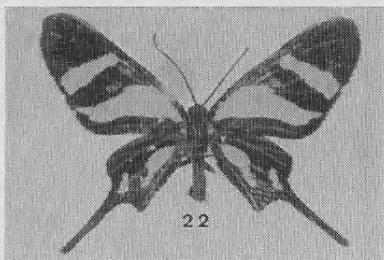
Barbicornis basilis basilis Godart, 1824

Figs. 1 — 14 e 16 — 33

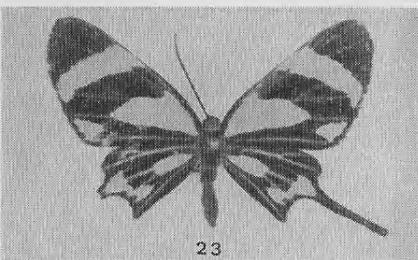
Barbicornis basilis Godart, 1824, in Latreille & Godart, Enc. méth., 9:706. (Brasil). — Boisduval, 1836, Spéc. gén. Lep., 1:118, expl. pl. 5, t. 20, fig. 3 (tax., cat.). — Audouin, 1836-46, in Cuvier, Règne Anim., Ins. At. 2, t. 143, figs. 4, 4a, 4b, (tax., morfol.). — J. & S. Stevens, 1840, Cat. col. Children, p. 44*. — Westwood, 1840, Introd. Class. Ins., p. 358, fig. 101 (5-8), (morf.). — Blan-



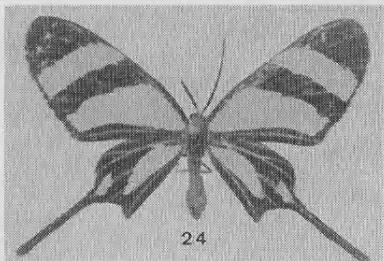
Figs. 16-21. *Barbicornis basilis basilis* Godart, 1824: Fig. 16 — macho, lectótipo de *B. basilis* var. *conjuncta*, Itatiaia, RJ, 33138 (IOC); Fig. 29 — fêmea, Santa Teresa, ES, 33.135 (IOC); Fig. 18 — macho, Rio de Janeiro, RJ; 2254 (OM); Fig. 19 — macho, lectótipo de *melanops*.



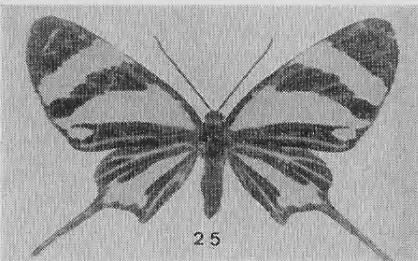
22



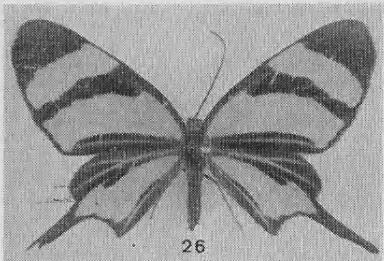
23



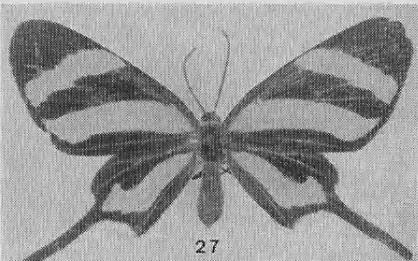
24



25

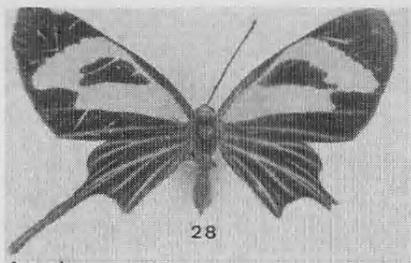


26

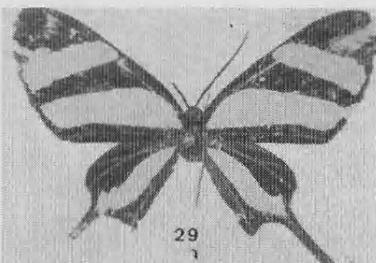


27

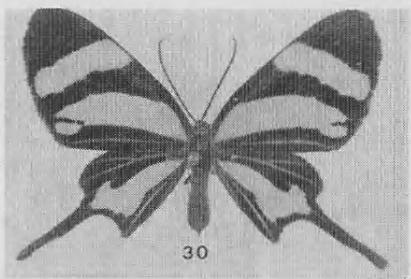
Figs. 22-27. *Barbicornis basilis basilis* Godart, 1824: Fig. 22 — macho, Rio de Janeiro, RJ, 2803 (OM); Fig. 23 — fêmea, Itatiaia, RJ, 33136 (IOC); Fig. 24 — fêmea, Rio de Janeiro, RJ, 9266 (ALM); Fig. 25 — fêmea, paralectótipo de *B. basilis* var. *magniplaga*, Itatiaia, RJ, 33144 (IOC); Fig. 27 — fêmea, Alegre, ES, 33134 (IOC).



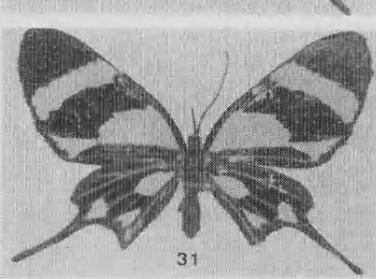
28



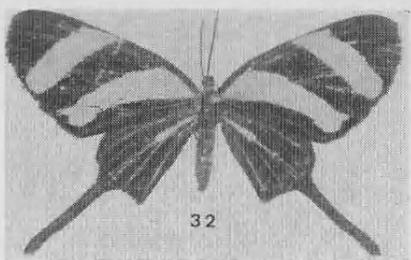
29



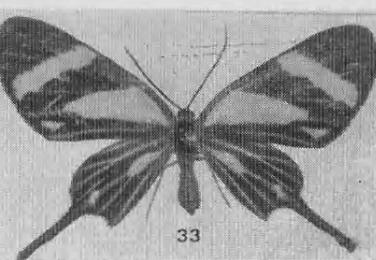
30



31

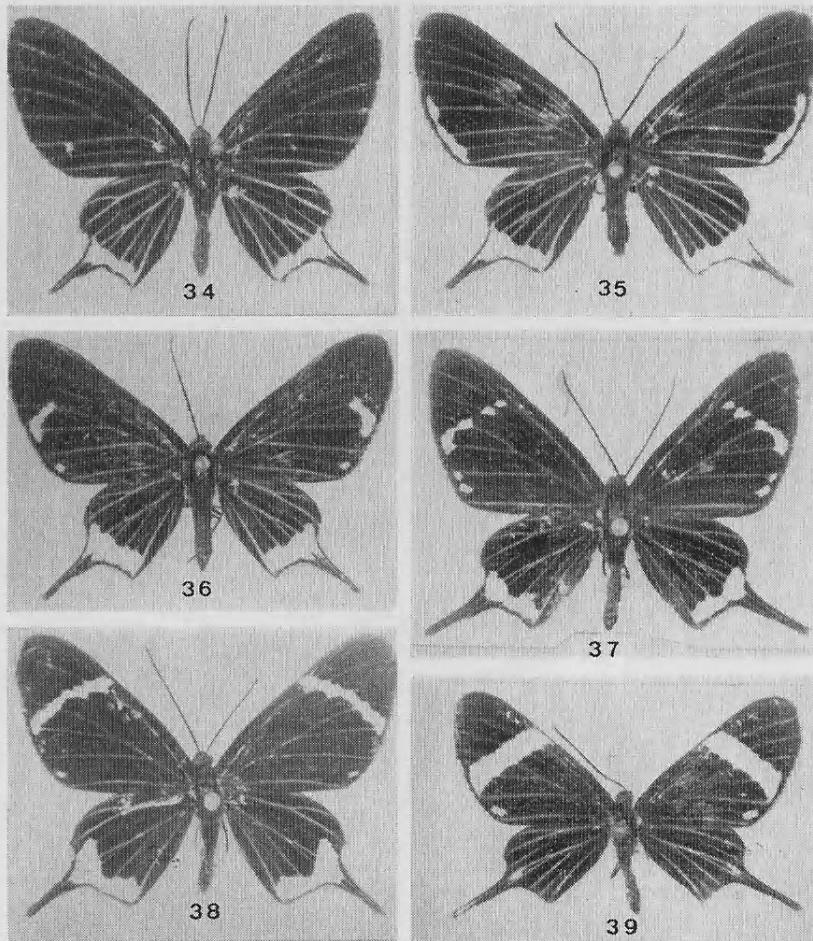


32

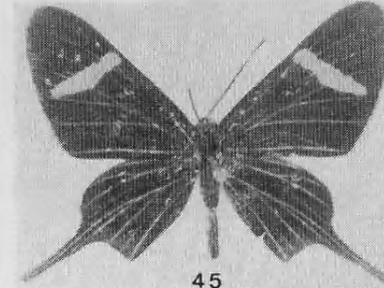
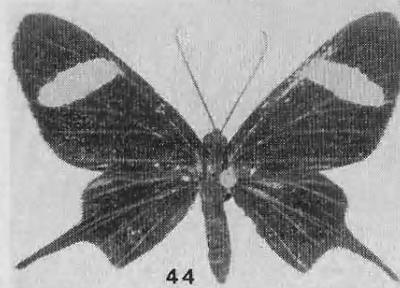
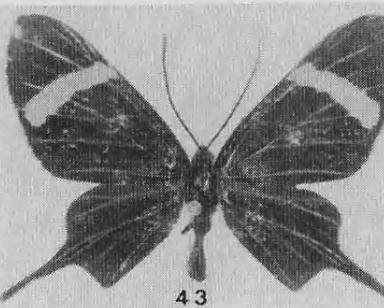
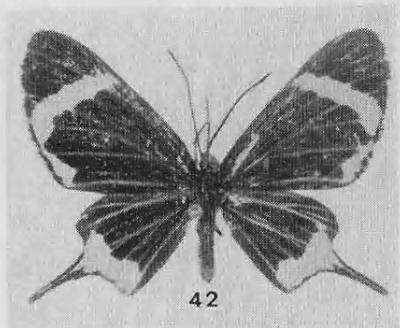
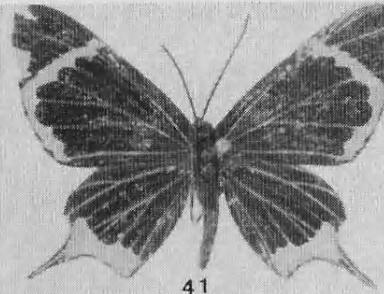
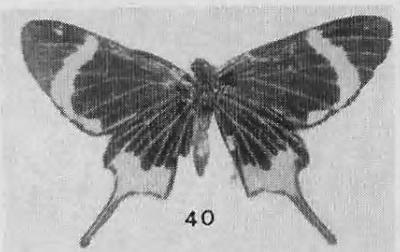


33

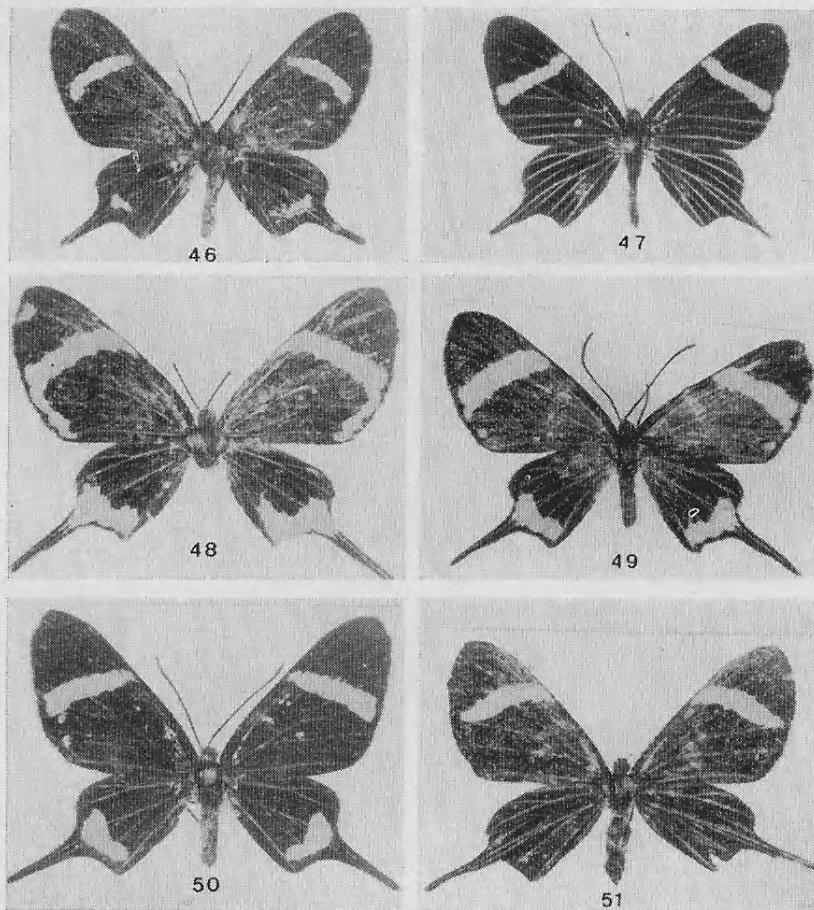
Figs. 28-33. *Barbicornis basilis* Godart, 1824: Fig. 28 — fêmea paralectótipo de *B. basilis* var. *conjuncta*, Itatiaia, RJ, 31.145 (IOC); Fig. 17 — macho, Alegre, ES, 1256 (DZ); Fig. 30 — fêmea, Itatiaia, RJ, 33141 (IOC); Fig. 31 — fêmea, Rio de Janeiro, RJ, 6902 (OM); Fig. 32 — fêmea, Alegre, ES, 33133 (IOC); Fig. 33 — fêmea, Itatiaia, RJ, 33137 (IOC).



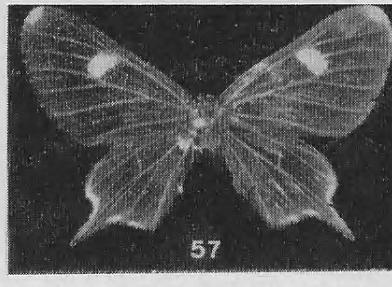
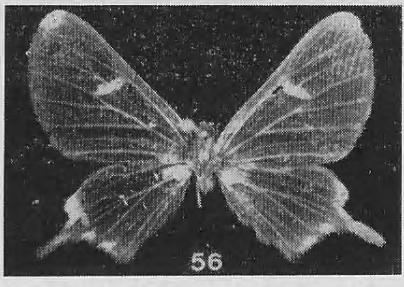
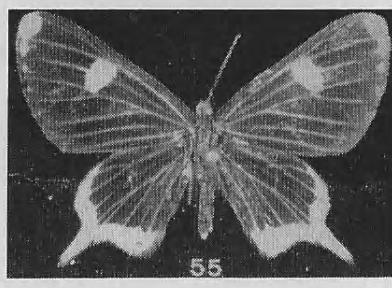
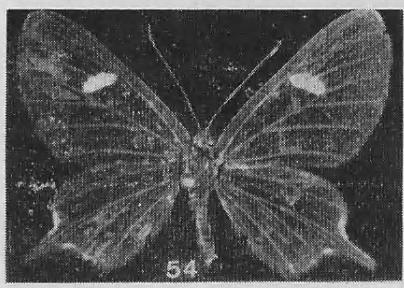
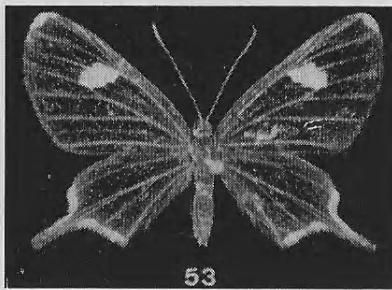
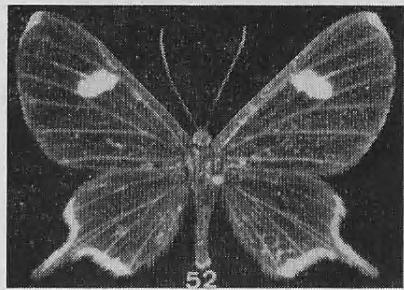
Figs. 34-39. *Barbicornis basilis mona* Westwood, 1851: Fig. 34 — macho, Seara, SC, 1319 (DZ); Fig. 35 — macho, Seara, SC, 1320 (DZ); Fig. 36 — macho, Seara, SC, 1321 (DZ); Fig. 37 — macho, Terra Boa, PR, 1333 (DZ); Fig. 38 — macho, Terra Boa, PR, 1332 (DZ); Fig. 39 — macho, lectótipo de *B. mona f. monacha*, 1144 (ZMB).



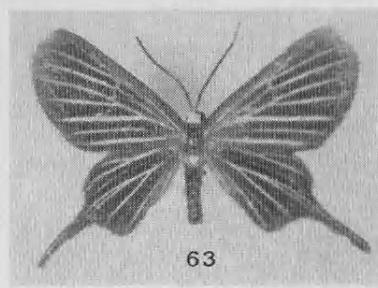
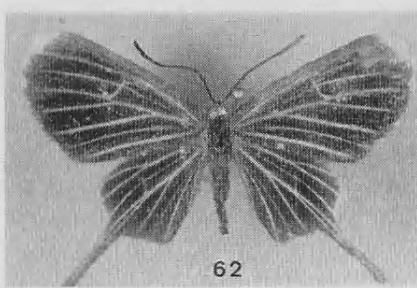
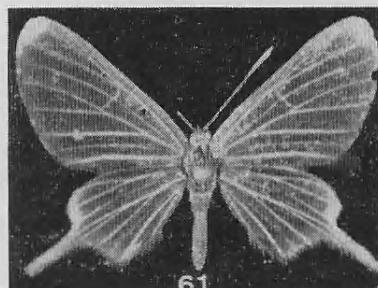
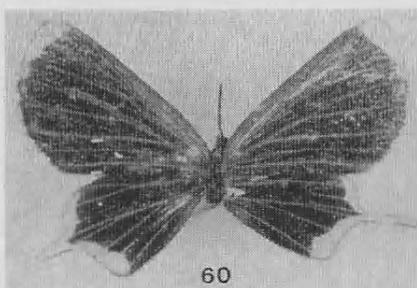
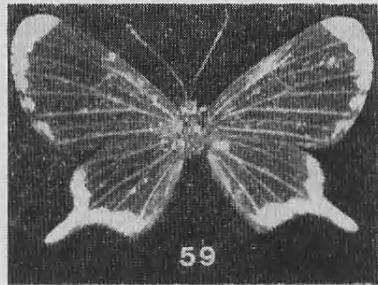
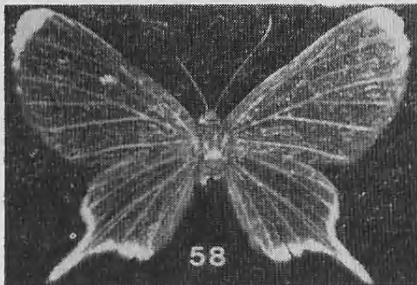
Figs. 40-45. *Barbicornis basilis mona* Westwood, 1851: Fig. 40 — holótipo de *mona*; Fig. 41 — macho, Foz do Iguaçu, PR, 1261 (DZ); Fig. 42 — macho, Cambuquira, MG, 1887 (HE); Fig. 43 — macho, Araras, SP, 1883 (HE); Fig. 44 — macho, Garça, SP, 1335 (DZ); Fig. 45 — macho, lectótipo de *B. mona* f. *apotacta*, 3086 (ZMB).



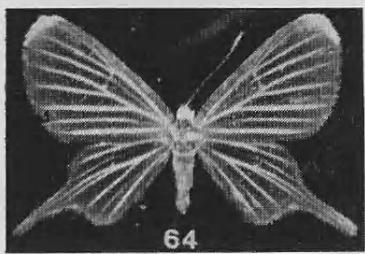
Figs. 46-51. *Barbicorns basilis mona* Westwood, 1851: Fig. 46 — macho, Rio Claro, SP, 1898 (HE); Fig. 47 — macho, São Bento do Sul, SC, 1879 (HE); Fig. 48 — fêmea, Araras, SP, 1879 (HE); Fig. 49 — fêmea, Rio Claro, SP, 1890 (HE); Fig. 50 — fêmea, Araras, SP, 1892 (HE); Fig. 51 — fêmea, Araras, SP, 1881 (HE).



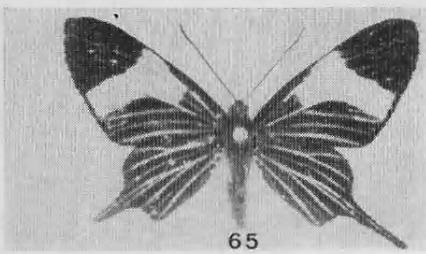
Figs. 52-57. *Barbicornis basilis paroapeba* ssp. n.: Fig. 52 — macho, holótipo, Paraopeba, MG, 8434 (OM); Fig. 53 — fêmea, alótipo, Paraopeba, MG, 8437 (OM); Fig. 54 — macho, Paraopeba, MG, 8438 (OM); Fig. 55 — fêmea, Cavalcante, GO, 1328 (DZ); Fig. 56 — macho, Cavalcante, GO, 1322 (DZ); Fig. 57 — macho, Cavalcante, GO, 1323 (DZ).



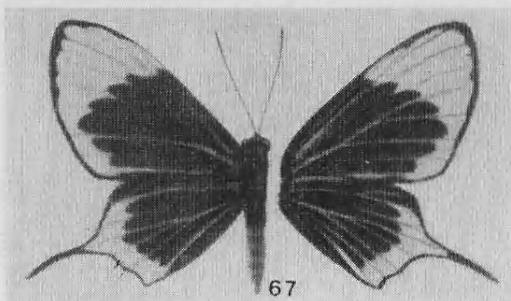
Figs. 58-63. *Barbicornis basilis marginata* Seitz, 1913: Fig. 58 — macho, Brasília, DF, 8439 OM; Fig. 59 — fêmea, Brasília, DF, 8441 (OM); Fig. 60 — fêmea, Bahia, 54642 (MN). *Barbicornis basilis bahiana* ssp. n.: Fig. 61 — macho, holótipo, V. Nova, BA; Fig. 62 — fêmea, alótipo, Bahia, 54213 (MZ). *Barbicornis basilis tucumana* Thieme, 1907. Fig. 63 — macho, Tucumán, Argentina, 1263 (DZ).



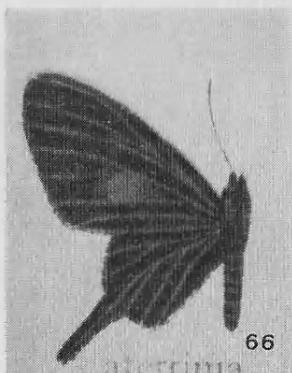
64



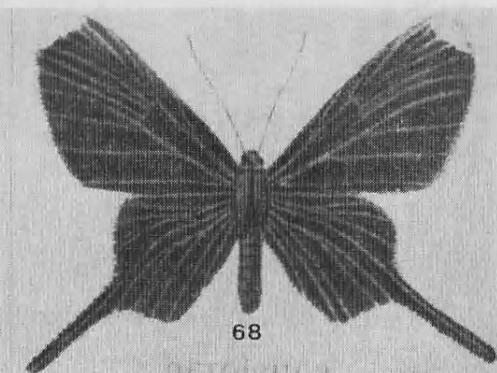
65



67



66



68

Figs. 64-68. Fig. 64 — *Barbicoris basilis tucumana* Thieme, 1907, fêmea, Tucumán, Argentina, 1264 (DZ). Fig. 65 — *Barbicoris basilis ephippium* Thieme, 1907, macho, holótipo. Fig. 66 — *Barbicoris basilis mona* f. *aterrima*, de Seitz, 1913. Fig. 67 — *Barbicoris mona perfectissima*, de Rebillard, 1958. Fig. 68 — *Barbicoris basilis acroleuca*, de Seitz, 1913.

chard, 1840, Hist. Anim. artic., 3:466, t. 8, fig. 3. — Westwood, 1850-52, Gen. diurn. Lep., 2:425, (cat., tax.). — Lucas, 1851-53, in Chenu, Enc. Hist. Nat., Pap. diurn., p. 220, fig. 369, (tax.). — Ménétriés, 1855, Enc. Corp. An. Ac. Petr., 1:50 (cat., dist. geogr.). — Bates, 1868, J. Linn. Soc. London, Zool., 9:432, (cat.). — Herrich-Schaeffer, 1868, Corr. — Batt zool. — min. Ver. Regensburg, 22:125, (cat.). — Kirby, 1871, Syn. Cat. diurn. Lep., p. 307 (cat., dist. geogr.). — Kirby, 1880, Scient. Proc. R. Dublin Soc., n. ser., 2:313. — Glaser, 1887, Cat. etymol. Coleopt. Lepidopt., p. 277. — Staudinger, 1888, in Staudinger & Schatz, Exot. Schmett., 1:246 (part.), (tax.). — Roeber, 1892 & 89, in Staudinger & Schatz, Exot. Schmett., 2:244, fig. 42, (tax.). — Boenninghausen, 1901, Deut. Ent. Ztschr., Iris, 14:71, (tax., dist. geogr.). — Mengel, 1905, Cat. Erycin., p. 72 (cat., dist. geogr.). — Stichel, 1909, Berlin. Ent. Ztschr., 54:43 (tax., dist. geogr.). — Stichel, 1910, in Wytsman, Gen. Ins. 112 A, p. 151 (**forma typica**), (cat.). — Seitz, 1917 & 13, Gross-Schmett. Erde, 5:663, fig. 132a, (**forma indiv.**), (tax., dist. geogr.). — Stichel, 1916, Ztschr. wiss. Insektenbiol., 12:241, 244 (tax.). — Stichel, 1923, Ztschr. wiss. Insektenbiol., 18:6 (lista). — Stichel, 1926, Ztschr. wiss. Insektenbiol., 21:105 (**forma typica**), (tax.). — Zikán, 1928, Ent. Rdsch., Stuttgart, 45:19 (lista). — Stichel, 1930, Lep. Cat., 40:387-88 (= **polyplaga**), (cat., dist. geogr.). — Zikán, 1953, Dusenia, 4(5,6):407 (biol.). — Hemming, 1967, Bull. Brit. Mus. Nat. Hist. (Ent.), Suppl. 9:73 (cat.).

Barbicornis (Chroma) basalis, (sic.); Gray, 1832, in Griffith, Cuvier's Anim. Kingdom, 15, t. 102 na p. 677*.

Barbicornis melanops Butler, 1873, Cistula Ent., 1:171 (Brasil). — Kirby, 1877, Cat. diurn. Lep., Suppl., p. 756 (cat., dist. geogr.). — Staudinger, 1888, in Staudinger & Schatz, Exot. Schmett., 1:246 (tax.). — Mengel, 1905, Cat. Erycin., p. 72 (cat., dist. geogr.). — Stichel, 1910, in Wytsman, Gen. Ins., fasc. 112A, p. 151 (**forma typica**), (cat.). **N. Syn.**

Barbicornis dibaphina Butler, 1873, Cist. Ent., 1:170 (Brasil). — Kirby, 1877, Syn. Cat. diurn. Lep., Suppl. p. 756 (cat., dist. geogr.). — Mengel, 1905, Cat. Erycin., p. 72 (cat., dist. geogr.).

Barbicornis basilis var. **dibaphina;** Staudinger, 1888 in Staudinger & Schatz, Exot. Schmett., 1:246 (tax.). — Stichel, 1909, Berl. Ent. Ztschr. 54:43 (tax., dist. geogr.). — Stichel, 1910, in Wytsman, Gen. Ins., 112A, p. 151 (cat.). — Stichel, 1930, Lep. Cat., 40:388 (cat., dist. geogr.), (= **alcyoneus**).

Barbicoris basilis, (sic.); Piepers, 1905, Deut. Ent. Ztschr. Iris, 16:253
(morfologia).

Barbicoris basilis dibaphina; Seitz, 1917, Gross-Schmett. Erde, 5:663
(tax., dist. geogr.).

Barbicoris basilis f. polyplaga Seitz, 1917 & 13, Gross-Schmett. Erde,
5:664, t. 132b (tax., dist. geogr.). — Zikán, 1928, Ent. Rdsch.,
Stuttgart, 45:19 (lista).

Barbicoris basilis ab. alcyoneus Seitz, 1917 & 13, Gross-Schmett. Erde,
5:664, t. 132b (tax., dist. geogr.).

Barbicoris melanops ab. **cuneifera** Seitz, 1917 & 13, Gross-Schmett.
Erde, 5:663, t. 132a.

Barbicoris cuneifera; Stichel, 1916, Zeitschr. wiss. Insektenbiol., 12:
242.

Barbicoris basilis var. **conjuncta** Zikán, 1952, Dusenia, 3:39, figs.
(Itatiaia). **N. Syn.**

Barbicoris basilis var. **magniplaga** Zikán, 1952, Dusenia, 3:39, figs.
(Itatiaia, Alegre). **N. Syn.**

TIPOS

Holótipo de **basilis**, segundo P. R. Ackery (**in litt.**) do British Museum (Nat. Hist.), pode estar no Departament of Natural History, The Royal Scottish Museum, Edinburgh, Inglaterra, ou no Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris, França.

Como lectótipo de **dibaphina** (fig. 19), designo um exemplar macho da coleção do British Museum (Nat. Hist.), que possue as seguintes etiquetas: "/Lectótipo/ Brazil/ Type H. T./ **B. dibaphina** Butler Type/ Syntype **Barbicoris dibaphina** Butler det. P. Ackery 1975/**B. basilis basilis** Godt., 1824, Lectótipo de **B. basilis dibaphina** Butler, 1873. M. Lauterjung det."/," (é um exemplar com a asa anterior esquerda um tanto danificada).

Como lectótipo de **melanops** (fig. 21), designo um exemplar do British Museum (Nat. Hist.), que possue as seguintes etiquetas: "/Lectótipo/ Type H. T./ 5-III/ **B. melanops** Butler type/ Syntype **Barbicoris melanops** Butler det. P. Ackery 1975/ **B. basilis basilis** Godt., 1824, Lectótipo de **B. melanops** Butler, 1873. M. Lauterjung det."/".

O tipo de **polyplaga** é uma fêmea depositada no Britsh Museum (Nat. Hist.), possuindo as seguintes etiquetas: "/Type/ **Barbicoris**

polyplaga Sz./ Joicey Bequest Brít. Mus. 1934-120."/

Os tipos de **alcyoneus** (sem procedência) e **cuneifera** do Espírito Santo devem estar no "Natur-Museum und Forschungs-Institut Senckenberg", Frankfurt, Alemanha.

Dentre os dois síntipos (fêmeas) de **magniplaga**, mencionados na descrição original, designo como lectótipo o exemplar fêmea da coleção Zikán (fig. 26), atualmente no Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, que possue as seguintes etiquetas: "/Lectótipo/ fêmea/ Itatiaya — 1100m, Maromba, E. do Rio — Brasil, 20-XII-1926, J. F. Zikán/ Holotypus/Coleção J. F. Zikán/ **Barbicornis basilis magniplaga** Zikán/ **B. basilis basilis** Godt., 1824 Lectótipo de **B. basilis** v. **magniplaga** Zikán, 1952, M. Lauterjung det./" e o outro paralectótipo (fig. 25), com as seguintes etiquetas: "/Paralectótipo/ fêmea/ Itatiaya — 700m, Est. do Rio, 2-IV-1942, J. F. Zikán /Holoparatype/ Coleção J. F. Zikán/ IOC. Lep. 33.140/ **Barbicornis basilis** Godt., 1824, Paralectótipo de **Barbicornis basilis** v. **magniplaga** Zikán, 1952, M. Lauterjung det. 1976/".

Dos três síntipos (2 machos e 1 fêmea) de **conjuncta** mencionados na descrição original, designo como lectótipo o exemplar macho (fig. 16), da coleção Zikán, atualmente no Instituto Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, que possue as seguintes etiquetas: "/Lectótipo/ macho/ Itatiaya — 1100m, Maromba — E. do Rio — Brasil — 9-III-1928, J. F. Zikán/ Holotypus/ Coleção J. F. Zikán/ **Barbicornis basilis conjuncta** Zikán / **B. basilis basilis** Godt., 1824. Lectótipo de **Barbicornis basilis** v. **conjuncta** Zikán, 1952, M. Lauterjung det./. Os outros dois como paralectótipos, possuindo as seguintes etiquetas: "/macho/ Itatiaya — Est. do Rio, Brasil, 23-XI-1935, km 4 1/2 — 1070m, J. F. Zikán/ Holoparatype/ IOC. Lep. 33.143/ **Barbicornis basilis basilis** Godt., 1824, Paralectótipo de **B. basilis** v. **conjuncta** Zikán, 1952, M. Lauterjung det. 1976/" e "/fêmea/ Itatiaya, 700m, Est. do Rio — Brasil, 25-II-1931, J. F. Zikán/Allotypus/ Coleção J. F. Zikán/IOC. Lep. 33138/**Barbicornis basilis basilis** Godart, 1824, Paralectótipo de **B. basilis** v. **conjuncta** Zikán, 1952, M. Lauterjung det. 1976/".

HISTÓRICO

Barbicornis basilis foi descrita por Godart (1824) do Brasil; Westwood (1840) publicou os primeiros dados morfológicos, com figura e desenhos da cabeça, antena, palpos e patas anteriores. Blanchard (1840), Staudinger (1880), Stichel (1916) e Seitz (1917) redescreveram-na. Boenninghausen (1901) além de descrevê-la, apresentou um breve catálogo. Zikán (1953) dá alguns dados a respeito de sua biolo-

gia. Há várias citações que incluem catálogo: Westwood (1851), Ménetriés (1855), Bates (1868), Herrich-Schaeffer (1868), Kirby (1871), Scudder (1875), Mengel (1905), Stichel (1910 e 1930) e Hemming (1967). Outras citações sem catálogo apresentam figuras e desenhos: Boisduval (1836), Audouin (1836-46), Chenu & Lucas (1851-53) e ainda simples citações: Glaser (1887), Kirby (1879 e 1880), Roeber (1889 e 92), Stichel (1923 e 1928) e Zikán (1928). Gray em 1832, porém usou o nome **basalis** e Piepers (1904), também por êrro a coloca como **Barbicornis basilis**. Butler, em 1873, descreveu um exemplar de procedência "Brasil", dando-lhe o nome de **melanops**. Staudinger em 1888 redescreve-a e Kirby (1877), Mengel (1905) e Stichel (1910) citam-na e acrescentam catálogo. Butler (1873) descreveu outro exemplar, dando o nome de **Barbicornis dibaphina**, nome este que foi aceito por Kirby (1877) e Mengel (1905) que a citam apresentando breve catálogo. Staudinger em 1888 redescreve-a e coloca **dibaphina** como variedade de **basalis**; tendo esta nomenclatura sido aceita e catalogada por Stichel em 1910 e 1930. Seitz em 1917 descreveu e figurou uma nova forma que denominou de **B. basilis polyplaga**, nome este que foi listado por Zikán em 1928 e colocado em sinonímia de **basalis** por Stichel em 1930. Seitz em 1913 e 17 descreveu também uma aberração que recebeu o nome de **B. basilis alcyoneus**, colocada em sinonímia de **dibaphina** por Stichel (1930). No mesmo ano Seitz publicou outra aberração, à qual denominou de **B. melanops cuneifera** e Stichel (1916) redescreve-a como sendo **B. cuneifera**. Zikán (1952) descreveu duas variedades novas, denominadas de **B. basilis conjuncta** e **B. basilis magniplaga**.

DESCRIÇÃO

Macho: Comprimento da asa anterior entre 16,3 e 22,3mm, ($\bar{X} = 19,3$); largura máxima da asa anterior entre 7,5 e 10,8 mm, ($\bar{X} = 9,5$).

Cor geral negra. Desenhos alaranjados nas asas extremamente variáveis, sendo muito difícil achar dois exemplares iguais.

Face dorsal com as veias levemente destacadas na asa posterior, de cor cinzento-clara, até a proximidade das margens. Asa anterior com uma faixa subapical de formato cuneiforme, com a parte dilatada junto à margem externa e a parte afunilada na proximidade da margem costal ou com suas margens laterais paralelas; largura máxima da faixa de 3,0 mm. Grande mancha basilar semicircular ou subtriangular de limites bastante variáveis, localizada entre a Sc e a linha entre Cu₂ e 2A, às vezes chegando quase à margem extrema; esta mancha pode estar reduzida, deixando ocasionalmente uma pe-

quena mancha isolada no torno ou mesmo estar ausente (fig. 21). A faixa subapical pode estar ligada pelo seu centro à mancha basilar (fig. 16). Asa posterior negra ou com manchas bastante variáveis; uma mancha de forma e tamanho variáveis na região de origem das veias Cu_1 e Cu_2 , penetrando até a metade inferior da célula, alcançando até próximo da base e a linha entre Cu_2 e 2A; podendo esta ser reduzida ou desmembrada em dois ou três pontos isolados de formato e distribuição variáveis; quando desmembrada em três, duas nos espaços entre as veias M_1 e 2A e uma basilar; quando duas, uma marginal no espaço entre M_2 e Cu_2 e outra basilar. Prolongamento alar de 6,7 a 10,8mm ($\bar{X} = 8,6$). Franjas marginais negras.

Face ventral semelhante à dorsal, com as veias mais nítidas.

Fêmea: Comprimento da asa anterior entre 19,0 e 20,7 mm, ($\bar{X} = 19,8$); largura máxima da asa anterior entre 9,3 e 11,5 mm, ($\bar{X} = 10,5$).

Semelhante ao macho, distinguindo-se pelo seguinte: Desenhos alaranjados nas asas extremamente variáveis, ocupando porém normalmente maior área do que nos machos.

Asa anterior com uma faixa subapical de margens laterais aproximadamente paralelas, extendida da proximidade da margem costal à margem externa, deixando um friso negro; largura máxima da faixa é de 5,0mm. Grande mancha basilar semicircular de limites bastante variáveis, sendo as margens inferior e superior às vezes mais ou menos paralelas e côncavas e convexas respectivamente ou a margem superior paralela à faixa subapical, localizada entre a Sc e a linha entre Cu_2 e 2A, alcançando às vezes a veia 2A em região próxima ao torno, aí com uma mancha triangular separada da mancha basilar, neste caso reduzida (figs. 23 e 31). Em outro, finamente ligada à faixa subapical pela região costal e na área entre a Cu_1 e a Cu_2 , onde termina (fig. 28). Asa posterior negra ou com manchas bastante variáveis; uma mancha de tamanho e forma variáveis ocupando a metade inferior da célula, área pós-celular até a altura da veia M_2 , penetrando ligeiramente pela base do prolongamento alar e extendendo-se até a proximidade da veia 2A, às vezes extremamente reduzida a uma linha basilar ou desmembrada em duas ou três manchas; quando desmembrada em três, então 2 nos espaços entre as veias M_1 e 2A e outra basilar; quando duas, uma marginal no espaço entre M_2 e Cu_2 e outra basilar. Prolongamento alar de 8,7 a 10,7 mm, ($\bar{X} = 9,6$).

DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Os exemplares desta subespécie são em média os maiores.

É uma subespécie bastante polimórfica e que se distingue das demais pela presença na asa anterior de uma grande mancha basilar e uma faixa subapical cuneiforme ou de margens paralelas, as quais podem estar unidas por um ou dois pontos; quando a mancha basilar está ausente, a faixa subapical é cuneiforme e a asa posterior negra (Espírito Santo). A asa posterior normalmente apresenta de uma a três manchas de forma e distribuição variáveis.

Com base nas datas de coleta pode-se afirmar que há exemplares voando praticamente em todas as estações do ano; temos exemplares de fevereiro a julho e outubro a dezembro.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Ocorre no Brasil nos Estados do Espírito Santo (Alegre, Guandú, Santa Teresa), Rio de Janeiro (Itatiaia, Niterói, Nova Iguassu, Rezende, Rio de Janeiro), Minas Gerais (Juiz de Fora, Parque Estadual do Rio Doce). Entre o material examinado há um exemplar com a procedência Nova Bremen (atual Dalbérgia), no vale do Rio Itajaí-Açu, Santa Catarina, procedência esta que parece estar fora da distribuição da subespécie, talvez seja um erro de rotulagem. (Fig. 14).

MATERIAL ESTUDADO

Espírito Santo: Alegre (Fazenda Jerusalém), 1 macho 8-X-1912, 1 fêmea 13-XII-1912, 1 fêmea 22-II-1913, 1 macho 27-XII-1913, J. F. Zikán, 33132, 33133, 33134, 33135 (IOC); Guandú, 1 macho X-1920, ex. Coll. Julius Arp, 57605 (MN); Santa Teresa, 1 fêmea 3-VII-1967, C. & C. T. Elias leg., 1256 (DZ); 1 macho, sem data, ex. Coll. Fruhstorfer, ex. Coll. Julius Arp, 54631 (MN).

Rio de Janeiro: Itatiaia (Valparaízo, 500m), 1 macho 9-III-1942, J. F. Zikán leg., 33136 (IOC); Itatiaia (700m), 1 fêmea 27-III-1924, 1 fêmea 25-II-1931 (Allotypus de *B. b. conjuncta*), 1 macho 29-III-1932, 1 fêmea 2-IV-1942 (Holoparatypus de *B. b. magniplaga*), J. F. Zikán leg., 33137, 33148, 33139, 33140 (IOC); Itatiaia (915m, km 2), 1 fêmea 1-II-1933, J. F. Zikán, 33141 (IOC); Itatiaia (1040m, km 4), 1 macho 7-III-1930, J. F. Zikán leg., 33142 (IOC); Itatiaia (1070m, km 4 1/2), 1 macho 23-XI-1935 (Holoparatypus de *B. b. conjuncta*) J. F. Zikán leg., 33143 (IOC); Itatiaia (Maromba, 1110m) 1 fêmea ... 20-XII-1926 (Holotypus de *B. b. magniplaga*, designado lectótipo), 1 macho 9-III-1928 (Holotypus de *B. b. conjuncta*, designado lectótipo).

po), J. F. Zikán leg., 33144, 33145 (IOC); Itatiaia (1100m), 1 fêmea 1-V-1965, Mielke leg., 6902 (OM); Niterói (São Francisco, 20-150m), 1 macho 15-XI-195..., H. Ebert leg., 1868 (HE); Nova Iguaçu, 1 macho 17-IV-1921, d'Almeida, 9269 (ALM); Rezende (Penedo, 500m), 1 macho 31-III-1961, ex. Coll. Richard Frey, 1254 (DZ); Rio de Janeiro, 1 macho, sem data, ex. Coll. Julius Arp, 54637 (MN); Rio de Janeiro (Convana de Jacarépaguá), 1 macho 30-III-1945, d'Almeida, 9265 (ALM); 1 macho 11-IV-1946, 1 macho 8-IV-1948, Octavio C. S. leg., Coll. d'Almeida, 9267, 9268 (ALM); 1 fêmea 24-III-1957, 1 fêmea 31-III-1959, 1 macho 3-V-1959, 1 macho 3-IV-1960, 1 macho 8-IV-1962, Mielke leg., 475, 527, 2803, 3256, 1236 (OM); Rio de Janeiro (Jacarépaguá, Três Rios), 1 macho 23-XI-1958, Mielke leg., 2254 (OM); Rio de Janeiro (Jacarepaguá, Vargem Pequena), 2 machos 22-VI-1962, Nelson e Nysio d'Almeida leg. 19646, 19647 (ALM); Rio de Janeiro ("Braúna" — Serra de Santa Tereza), 1 fêmea 27-III-1921, d'Almeida leg. 9266 (ALM).

Minas Gerais: Juiz de Fora (Rio Paraibuna, 500-800m), 1 macho 11-XI-1953, H. Ebert leg., 186 (?) (HE); Parque Estadual do Rio Doce (200m), 1 macho 16-XII-1972, H. & H. Ebert leg., 2169 (HE).

Santa Catarina: Nova Bremen (atual Dalbérgia), 1 macho 7-VI-1955, ex. Coll. Richard Frey, K. W. leg., 1257 (DZ).

Sem procedência: 1 macho, sem data, ex. Coll. Richard Frey, 1255 (DZ); 1 macho, sem data, 5334 (MN).

Barbicornis basilis mona Westwood, 1851 n. status

Figs. 14, 34 — 51, 66 e 67

Barbicornis mona Westwood, 1851, in Doubleday, Hewitson & Westwood, Gen. diurn. Lep., 2:425, t. 20, fig. 2 (sem procedência). — Bates, 1868, Jour. Linn. Soc. London, Zool., 9:432 (cat.). — Herrich-Schaeffer, 1868, Corr.-Blatt zool.-min. Ver. Regensburg, 22:125 (cat.). — Kirby, 1871, Syn. cat. diurn. Lep., p. 307 (cat., dist. geogr.). — Kirby, 1879, Cat. coll. diurn. Lep. Hewitson, p. 200 (lista, dist. geogr.). — Glaser, 1887, Cat. etymol. Coleopt. Lepidopt., p. 277. — Staudinger, 1888, in Staudinger & Schatz, Exot. Schmett., 1:72 (tax.). — Mengel, 1905, Cat. Erycin., p. 72, (cat., dist. geogr.). — Stichel, 1910, in Wytsman, Gen. Ins., fasc. 112A, p. 151 (**forma typica**), (cat.). — Seitz, 1917 & 13, Gross-Schmett. Erde, 5:664 (part), t. 132b (tax.). — Stichel, 1916, Ztschr. wiss. Insektenbiol., 12:164 (**forma typica et trans. ad form. moneta**), (tax.). — Koehler, 1923, Ztschr. wiss. Insektenbiol., 18, Beiheft, p. 28 (lista, dist. geogr.). — Koehler & Strassberger, 1928, Publ. Breyer, Buenos Aires, p. 4 (lista). — Stichel, 1930,

Lep. Cat., 40:387 (cat., dist. geogr.). — Hayward, 1939, Physis 17:338 (tax., dist. geogr.). — Hayward, 1950, Acta Zool. Lilloana, 9:148 (cat.). — Brown & Mielke, 1967, Jour. Lep. Soc., 27:147 (part), (dist. geogr.). — Ebert, 1969, Jour. Lep. Soc., 23, Suppl., 3, p. 46. — Hayward, 1973, Op. Lilloana, 23:173 (cat., distr. geogr.).

Barbicornis melanops; Seitz, 1917, Gross-Schmett. Erde, 5:663 (tax.). — Stichel, 1930, Lep. Cat., 40:386, (cat., dist. geogr.). — Hayward, 1950, Acta Zool. Lilloana, 9: 148 (cat.). — Hoffmann, 1935, Ent. Rdsch., Stuttgart, 53 (sep. p. 8), (lista). — Biezanko, Ruffinelli & Achaval, 1973, Rev. Biol. Uruguay, 1(2):188. — Hayward, 1973, Op. Lilloana XXIII: 1873, (cat., dist. geogr.). — Lewis, 1975, Las Mariposas del Mundo, p. 71, 238-239, fig. 1.

N. Syn.

Barbicornis melanopa (sic) f. apotacta Stichel, 1909, Berl. Ent. Ztschr., 54:43 (Paraguay).

Barbicornis melanops f. apotacta; Stichel, 1910, in Wytsman, Gen. Ins., fasc. 112A, p. 151 (cat.). — Stichel, 1930, Lep. Cat., 40:387 (cat., dist., geogr.). — Hayward, 1950, Acta Zool. Lilloana, 9:148 (cat.).

Barbicornis mona f. moneta Stichel, 1910, in Wytsman, Gen. Ins., fasc. 112A, p. 151, t. 26, fig. 36 (Sul do Brasil). — Strand, 1914, Lep. Niepeltiana, 1:49 (tax., cat.). — Stichel, 1928, Deut. Ent. Ztschr., 29:256 (tax.). — Stichel, 1930, Lep. Cat., 40:387 (cat., dist. geogr.). — Rebillard, 1958, Mém. Mus. Nat. Hist. Nat., 15 (2):172, pl. 2, fig. 17 (tax., distr. geogr.).

Barbicornis mona f. cinaropsis Seitz, 1916, Ent. Rdsch., Stuttgart, 33:53, (tax.). — Stichel, 1930, Lep. Cat., 40:387 (cat., dist. geogr.).

Barbicornis melanops abotacta (sic); Seitz, 1917 & 13, Gross-Schmett. Erde, 5:663, t. 132a (tax.).

Barbicornis melanops ab. fusus Seitz, 1917 & 13, Gross-Schmett. Erde, 5:663, t. 132a (tax.). **N. Syn.**

Barbicornis melanops f. fusa; Stichel, 1930, Lep. Cat., 40:386 (cat., dist. geogr.).

Barbicornis melanops f. fusus; Stichel, 1936, Ent. Anz., 9:64 (tax.).

Barbicornis melanops f. aterrima Seitz, 1917, Gross-Schmett. Erde, 5:663 (tax.). — Stichel, 1930, Lep. Cat., 40:386 (cat., dist. geogr.).

Barbicornis mona ab. moneta; Seitz, 1917, Gross-Schmett. Erde, 5:664
(tax.).

Barbicornis mona f. monacha Stichel, 1924, Deut. Ent. Ztschr., 27:441
(São Paulo). — Stichel, 1930, Lep. Cat., 40:387. (cat.).

Barbicornis mona cinaropsis; Stichel, 1928, Deut. Ent. Ztschr., 29:236,
262, (tax.).

Barbicornis mona f. perfectissima Stichel, 1928, Zeit. wiss. Insekten-
biol., 23:37 (Abaí — Paraguai). — Stichel, 1930, Lep. Cat., 40:387
(cat., dist. geogr.). — Rebillard, 1958, Mém. Mus. Nat. Hist.
Nat., 15(2):172, pl. 2, fig. 4 (tax., distr. geogr.).

Barbicornis mona albata Stichel, (in. litt.). — Rebillard, 1958, Mém.
Mus. Nat. Hist. Nat., 15(2):172, pl. 3, fig. 4 (tax., distr. geogr.).

N. Syn.

TIPOS

O holótipo de **mona** é um exemplar da coleção do British Museum (fig. 40), que possue as seguintes etiquetas: "/Type/ ? Jamaica Hewitson coll. 79-69 **Barbicornis mona**, Hew. 1. /Holotype **Barbicornis mona** Westwood, det. P. Ackery 1975/"; deve ser um exemplar macho e a procedência "Jamaica" certamente é um erro de etiquetagem.

O lectótipo de **apotacta** é um exemplar macho (fig. 45) na coleção "Zoologisches Museum an der Humboldt-Universitaet" Berlim, Alemanha, que possue as seguintes etiquetas: "/Lectótipo/ Typus/ Paraguay, Nuev. Germania, e. c. H. Stichel/3086/ f. **apotacta** Stichel/ **Barbicornis**/Zool. Mus. Berlin/ **B. basilis mona** Westw., 1851, Lectótipo de **B. melanops** f. **apotacta** Stichel, 1909. M. Lauterjung det./".

O tipo de **moneta** não foi possível localizar no "Zoologisches Museum an der Humboldt-Universitaet" de Berlim, como os demais tipos de Stichel.

Os tipos de **cinaropsis** (sem procedência), **fusus** (sem procedência) e **aterrima** do sul do Brasil e Paraguai devem estar no "Natur-Museum und Forschungs Institut Senckenberg", Frankfurt, Alemanha.

O lectótipo de **monacha** é um exemplar macho (fig. 39), na coleção "Zoologisches Museum an der Humboldt-Universitaet" Berlim, Alemanha, que possue as seguintes etiquetas: "/Lectótipo/Typus/

Brasilien, e. c. H. Stichel /1144/ f. **monacha** Stichel/**Barbicornis**/ Zool. Mus. Berlin/ **B. basilis mona** Westw., 1851. Lectótipo de **B. mona monacha** Stichel, 1924. M. Lauterjung det.// Na descrição original ainda é mencionada a procedência St. Paolo?.

O holótipo de **perfectissima** é segundo a descrição original, um exemplar fêmea (fig. 67): Typus na coleção Larsen, proveniente de Abai, Paraguai, XI. 25, leg. P. Joergensen. Segundo Rebillard (1958: 172) agora na coleção Madame Aimée Fournier de Horrack recolhida ao Muséum d'Histoire Naturelle, Paris, França.

HISTÓRICO

Em 1851, Westwood publicou a figura de um exemplar, sem procedência, do gênero **Barbicornis**, dando-lhe o nome de **B. mona**. Três autores posteriores redescreveram-na: Staudinger (1888), Seitz (1913 e 17) e Stichel em 1916. Hayward (1934) redescreveu-a também, acrescentando breve catálogo. Há várias publicações com citação e catálogo: Bates (1868), Glaser (1887), Herrich-Schaeffer (1868), Kirby (1871 e 1879), Mengel (1905), Stichel (1910) e Hayward (1950 e 1973). Koehler e Strassberger (1928) e Ebert (1969) a listam.

A subespécie **mona**, por ser extremamente polimórfica, recebeu cerca de 10 nomes diferentes. Em 1917 Seitz descreveu um exemplar ao qual deu o nome de **melanops**. Hayward (1950 e 1973) cita-a e acrescenta catálogo. Hoffmann (1935) e Biezanko (1973) listam-na simplesmente. Em 1909, Stichel descreveu dois machos do Paraguai como **B. melanops** forma nov. **apotacta**, nome este usado por Stichel (1910) e Hayward (1950) em seus catálogos. Seitz em 1913 e 1917 redescreveu-a como subespécie de **melanops**. Stichel (1910) cita-a e cataloga um exemplar do sul do Brasil como **B. mona** forma **moneta**. Strand (1914) cita-a em seu catálogo e Stichel (1928) e Rebillard (1958) redescreveram-na. Seitz (1917) descreve **moneta** como aberração de **mona**. Em 1916 descreveu um exemplar do qual não cita a procedência, dando-lhe o nome de **B. mona** forma **cinaropsis**, nome que Stichel (1928) aceitou como subespécie de **mona**. Seitz (1913 e 1917) descreveu mais dois exemplares que receberam as seguintes denominações: **B. melanops** ab. **fusus** (sem procedência) e **B. melanops** forma **aterrima** do sul do Brasil e Paraguai. Stichel (1924) publicou **B. mona** f. **monacha** de São Paulo. Stichel (1928) descreveu um exemplar do Paraguai como **B. mona** f. **perfectissima** e Rebillard em 1958 redescreveu-a. Brown & Mielke (1967) citam-na de Campinas, Goiás (atual Goiânia) e suas demais citações correspondem a **paraopeba**.

DESCRIÇÃO

Macho: Comprimento da asa anterior entre 15,6 e 20,8 mm ($\bar{X} = 18,30$); largura máxima da asa anterior entre 7,8 e 10,8 mm ($\bar{X} = 9,40$).

Côr geral negra. Desenhos alaranjados a amarelados nas asas extremamente variáveis, sendo difícil achar dois exemplares iguais.

Face dorsal com as veias levemente destacadas, de côr cinzentoclaras, até a proximidade das margens. Asa anterior com uma faixa subapical extendida desde a margem costal até o espaço entre Cu_1 e Cu_2 , de 1,1 a 2,8 mm de largura máxima e continuada numa faixa próxima à margem externa até a veia 2A. As escamas amareladas e alaranjadas sem alcançar a margem, deixando um friso negro. Esta continuação da faixa subapical em muitos casos se encontra reduzida, permanecendo um ponto entre as veias Cu_2 e 2A, ou desaparecendo completamente, sobrando neste caso somente a faixa subapical, de margens relativamente paralelas. Pode haver a redução da faixa subapical, permanecendo a faixa próxima à margem externa, ou um ponto entre Cu_2 e 2A e uma mancha triangular pequena, às vezes mais alguns pontos como resquício da faixa subapical ou mesmo desaparecer toda e qualquer escama amarelada ou alaranjada, ficando a asa anterior totalmente negra. A asa posterior pode apresentar uma mancha que acompanha a margem externa deixando um friso negro, de margem interna irregular e penetrando, às vezes, ligeiramente no prolongamento alar, da veia Rs até o ângulo anal e cuja largura varia de 0,8 a 4,6 mm; esta mancha pode estar ausente ficando a asa posterior totalmente negra. Prolongamento alar da asa posterior de 3,8 a 8,8 mm, ($X = 6,5$). Franjas marginais negras.

Face ventral semelhante à dorsal, com as veias mais destacadas, aparecendo uma linha entre Cu_2 e 2A e a indicação das medianas dentro das células.

Fêmea: Comprimento da asa anterior entre 16,0 e 20,0 mm, ($\bar{X} = 18,83$); largura máxima da asa anterior entre 8,50 e 10,8 mm ($\bar{X} = 9,9$).

Semelhante ao macho, com as asas anteriores mais arredondadas e os desenhos amarelados a alaranjados com tendência a ocupar maior área que nos machos, mesmo sendo a distribuição praticamente igual. Rebillard (1958) figura uma fêmea em que a faixa subapical se estende em direção ao ápice e em direção ao tórno, permanecendo

na metade distal da região costal, no ápice e na margem externa um friso negro (fig. 67). Prolongamento alar de 6,0 a 9,6 mm, ($\bar{X} = 7,4$).

DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Esta subespécie é a mais polimórfica, apresentando exemplares com faixas amareladas e alaranjadas nas duas asas, em qualquer uma das duas ou sem esta coloração como figura Seitz (1913:132a = **aterrima**) e nesta revisão (fig. 66).

Distingue-se das demais por apresentar na asa anterior uma faixa subapical inteira ou separada em manchas, de margens paralelas, a qual pode prolongar-se em direção ao tórax acompanhando a margem externa (ocasionalmente permanece só esta faixa marginal), e por apresentar em muitos casos uma faixa irregular que acompanha a margem externa da asa posterior. Excepcionalmente a faixa subapical extende-se em direção ao ápice e tórax, como no exemplar figurado por Rebillard (1958: pl. II, fig. 4, **Barbicornis mona perfectissima**), (fig. 67).

Com base nas datas de coleta pode-se afirmar que há exemplares voando nos meses de janeiro a maio e outubro a dezembro.

BIOLOGIA

Segundo informação do Prof. C. M. Biezanko, (in litt.), as lagartas desta subespécie em Pelotas, Rio Grande do Sul, ocorrem sobre mata olho — **Pouteria gardeniana** Radlock (Sapotaceae).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Ocorre no Brasil nos Estados de Minas Gerais (Cambuquira, Caxambu, Poços de Caldas), Goiás (Campinas — atual Goiânia), São Paulo (Amparo, Anhembi, Araras, Campinas, Cordeirópolis, Garça, Guararapes, Limeira, Porto Cabral, Rio Claro, Rio Batalha, São Carlos), Paraná (Foz do Iguaçu, Jussara, Terra Boa), Santa Catarina (Joaçaba, São Bento do Sul e Seara), Rio Grande do Sul (Pelotas, Zona Missionária). No Paraguai (Abai, Nueva Germania), na Argentina (Misiones — San Ignacio) e no Uruguai (Artigas) (Fig. 14).

MATERIAL ESTUDADO

Brasil:

Minas Gerais: Cambuquira (900), 2 machos 6-XI-1968, 1 macho 7-XI-1968, 1 macho 10-XI-1968, H. Ebert leg., 1886, 1888, 1887,

1885 (HE); Caxambu, 1 macho II, ex. Coll. Julius Arp, 54641 (MN); Caxambu, 1 macho I - 1934, ex. col. Dr. A. Costa, Rio (MN); Poços de Caldas, 1 macho 23-IV-1967, H. Ebert leg., (HE); Senador José Bento (fazenda do Cérvo), 1 fêmea 18-III-1976, H. Ebert leg., 2421 (HE);

Goiás: Campinas (atual Goiânia), 2 machos III-1930, col. Spitz, 46794, 46795 (MZ).

São Paulo: Amparo, 1 fêmea 3-V-1926, ex. Coll. E. May, Rio, 7309 (MN); Anhembi (Fazenda Barreiro Rico, 500m), 2 machos 31-III-1968, H. Ebert leg., 1900, 1901 (HE); Araras, 1 fêmea 13-IV-1966, 1 fêmea 15-XI-65, 3 machos 15-XI-1965, 2 machos 7-XII-1968, 1 macho 23-XI-1968, 1 fêmea 17-X-1966, H. Ebert leg., 1897, 1893, 1891, 1892, 1889, 1883, 1882, 1879, 1881 (HE); Campinas, 1 macho III-75, K. Brown leg., 1329 (DZ); Cordeirópolis (600m) 1 macho 4-III-1963, H. Ebert, 1889 (HE); Garça (Galia-Fazenda Paraiso), 2 machos 14-XI-1975, Mielke & Rosado leg., 1334, 1335 (DZ); Guararapes (Figueira — Estrada de Ferro Noroeste), 1 macho 31-III-1940, d'Almeida leg., 9270 (ALM); Limeira, 1 fêmea 18-XI-1951, Bokermann leg., 46988 (MZ); Porto Cabral (Rio Paraná), 1 macho 20-31-III-1944, Travassos Filho & Carrera & E. Dente leg., col. d'Almeida 9271 (ALM); Rio Claro (600m), 1 macho 24-III-1963, H. Ebert leg., 1266 (DZ); Rio Claro (600m), 1 macho 10-III-1963, 1 fêmea 28-III-1965, 1 macho 13-III-1966, 3 machos 2-IV-1966, 1 macho 17-XI-1966, H. Ebert leg., 1878, 1880, 1890, 1894, 1895, 1896, 1898, (HE); Rio Batalha, 1 macho, sem data, ex. Coll. E. May. — Rio, 56788 (MN); Rio Batalha, 2 machos, sem data, ex. Coll. E. May-Rio (MN); São Carlos (858m), 1 macho 18-III-1973, H. Ebert leg., 2171 (HE); São Paulo, 2 machos, sem data, 54216, 54217, (MZ).
2 machos, sem data, 54216, 54217, (MZ).

Paraná: Foz do Iguaçu (Boa Vista), 1 macho III-1950, ex. col. Justus, 1260 (DZ); Foz do Iguaçu, 2 machos III-1952, ex. Coll. Justus, 1258, 1259 (DZ); Foz do Iguaçu, 1 macho 3-XII-1966, exc. Depto. Zool., 1261 (DZ); Jussara (Horto, 500m), 1 macho, 1 fêmea 16-XI-1975, Mielke & Rosado leg. 1330, 1331 (DZ); Terra Boa (650m), 1 macho 16-XI-1975, Mielke & Rosado leg., 1332 (DZ); Terra Boa (CMNP, 650 m), 1 macho 10-XII-1975, Mielke, Moure & Wedderhoff leg. 1333 (DZ).

Santa Catarina: Joaçaba (Rio Caraguatá, 400m), 1 macho III-53 Fritz Plaumann leg., 1265 (DZ); São Bento do Sul, 1 macho 21-I-1971, H. Ebert leg., 1879 (HE); Seara (Nova Teutônia), 1 macho II-1933, 1 macho XI-1960, 1 macho II-1961, Fritz Plaumann leg., 1319, 1320,

1321 (DZ); Seara (Nova Teutônia, 350 m), 1 macho 11-II-1973, H. Ebert leg., 2170 (HE).

Brasil: 1 macho, sem data, Zool. Mus. Berlin 1144 (holótipo de *monacha*).

Sem procedência: 2 machos 56789, 56484 (MN).

Paraguai:

Nueva Germania, 1 macho, sem data, Zool. Mus. Berlin 3086 (holótipo de *apotacta*); 1 macho, sem data, ex. Coll. Julius Arp, 54639 (MN).

Argentina:

Terra de Misiones (San Ignacio), 1 macho XI-1933, Walz leg., 1884 (HE). Atualmente Província de Misiones.

Barbicornis basilis ephippium Thieme, 1907 n. status

Figs. 14 e 65

Barbicornis ephippium Thieme, 1907, Berl. Ent. Ztsch., 52:7, t. 1, fig. 8 (fêmea), Rio Grande do Sul. — Stichel, 1910, in Wytsman, Gen. Ins., fasc. 112A, p. 151 (cat.). — Seitz, 1917, Gross-Schmett. Erde, 5:663, (tax.). — Stichel, 1930, Lep. Cat. 40:387 (cat., dist. geogr.).

TIPOS

Os dois exemplares macho e fêmea, citados na descrição original são o holótipo (fig. 65) e o alótipo, possuindo as seguintes etiquetas, respectivamente: "/ **ephippium** Thieme, Rio Grande do Sul typ./ Holotypus ♂ **Barbicornis ephippium** Thieme, Zool. Staatsammlung Muenchen/ ZSM o Genitalprp. No. Rh. 653/" e "/Allotypus ♀ **Barbicornis ephippium** Thieme Zool. Staats. München/ ♀ **Barb. ephippium** Thieme/ typ Rio Gr. do Sul/ Rio Grande do Sul/ **melanops** var."/"

HISTÓRICO

A descrição original foi apresentada por Thieme (1907) baseada em dois exemplares (macho e fêmea) do Rio Grande do Sul. Stichel (1910), publicou uma descrição e catálogo breves e Seitz (1917) redescreveu-a.

DESCRIÇÃO

Fêmea: Comprimento da asa anterior entre 16,3 e 17,5 mm, ($\bar{X} = 16,9$); largura máxima da asa anterior entre 8,3 e 9,2 ($\bar{X} = 8,7$).

Cor geral negra. Desenho alaranjado da asa anterior semelhante em todos os exemplares e foto examinadas.

Face dorsal com as veias destacadas, de cor cinzento-clara, até a proximidade das margens. Asa anterior com uma faixa subapical alaranjada, extendida desde a margem costal até o espaço entre Cu_1 e Cu_2 e que na altura da célula discal se alarga para o interior da mesma, formando mancha em forma de L. (largura máxima da faixa entre 3,8 e 4,5 mm; largura mínima entre 3,0 e 3,5 mm). Asa posterior negra. Prolongamento alar entre 7,1 e 7,5 mm. Franjas marginais negras.

Face ventral semelhante à dorsal, com as veias mais destacadas, aparecendo uma linha entre Cu_2 e 2A e a indicação das medianas dentro das células.

DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Esta subespécie parece ocorrer somente no sudeste do Rio Grande do Sul. Está muito próxima de alguns exemplares de *mona*, dos quais se diferencia pela faixa subapical alargada para o interior da célula discal, formando mancha em L.

BIOLOGIA

Segundo informação do Prof. C. M. Biezanko (*in litt.*), as lagartas desta subespécie, em Pelotas, Rio Grande do Sul, ocorrem sobre taleira — *Celtis spinosa* Spring (Ulmaceae).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Ocorre no Brasil no Estado do Rio Grande do Sul (Pelotas). (Fig. 14).

MATERIAL ESTUDADO

Rio Grande do Sul: Pelotas, 1 fêmea 18-III-1956, C. Biezanko leg., 1348 (DZ); Pelotas, 1 fêmea I-196 (?), C. Biezanko leg., 1349 (DZ).

Na coleção do Prof. C. M. Biezanko há mais três exemplares iguais aos examinados, todos de Pelotas.

Barbicornis basilis acroleuca Berg, 1896 *n. status*
Figs. 14 e 68

Barbicornis acroleuca Berg, 1896, Ann. Mus. Buenos Aires, 5:1, fig.

1 (Paraguai). — Mengel, 1905, Cat. Erycin., p. 72 (cat., dist. geogr.). — Stichel, 1910, in Wytsman, Gen. Ins., fasc. 112A, p. 150 (cat.). — Seitz, 1917 & 13, Gross-Schmett. Erde, 5:663, t. 132a (tax.). — Stichel, 1930, Lep. Cat. 40:386 (cat., dist. geogr.). — Hayward, 1939, Physis, Buenos Aires, 17: 338 (tax.). — Hayward, 1950, Acta Zool. Lilloana, 9: 147 (cat.). — Lewis, 1975, Las mariposas del Mundo, pp. 70, 238, fig. 38 (cit.).

Barbicornis acroleuca acroleuca; Stichel, 1910, in Wytsman, Gen. Ins. fasc. 112A, p. 150 (cat.). — Stichel, 1930, Lep. Cat. 40:386 (cat., dist. geogr.). — Hayward, 1973, Op. Lilloana XXIII:172 (cat., dist. geogr.).

TIPO

O tipo de **acroleuca**, do Paraguai, segundo Berg (1896), está no Museo Nacional de Buenos Aires, atual Museo Argentino de Ciências Naturales Bernardino Rivadavia, Buenos Aires, Argentina.

HISTÓRICO

A descrição original foi apresentada por Berg em 1896, baseada em um exemplar do Paraguai. Mengel (1905) e Hayward (1939, 1950 e 1973), citam-na e trazem breve catálogo. Stichel (1910 e 1930) cita-a como espécie e subespécie (**acroleuca acroleuca**), apresentando catálogo e Seitz (1917) somente a redescreve. Lewis (1975) faz uma simples citação, apresentando figura como Seitz.

DESCRIÇÃO ORIGINAL

"Nigra, apice alarum anteriorum albo, capite pone oculos, fronte in apice, palpis, collare maxima ex part apiceque abdominis aurentiacis; cauda alarum posteriorum ubique fere aequa lata. Expan. alar ant. 37 mm.

Species a ceteris hujus generis colore nigro anguloque apicali albo alarum antciarum facilissime distinguenda. Caput parviusculum, in fronte admodum productum; palpis arcuatim ascendentibus; antennis validis, sat adpresso squamoso pilosis, basi quam apice multo magis attenuatis. Alae anticae elongatae, apice et in limbum-fortiter arcuatae; posticae parviusculae, cum angulo abdominali satis distincto et apicem abdominis valdisse superante, cauda fere ubique aequilata, in medio limbi sat abrupte oriente, et ala ipsa cuarta parte breviore; venis alarum denudatis. Pedes nigri, adpresso squamosi. Patria: Repùblica Paraguayensis.

El ejemplar que me sirve para establecer esta especie se caracteriza por la coloración negra de las alas y del cuerpo; con excepción del ángulo apical de las alas anteriores, que es blanco, y de los palpos, de la extremidad del frente y del abdomen, y del collar, que son de un anaranjado muy intenso. Pertenece al Museo Nacional de Buenos Aires."

DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Segundo a descrição e figura originais, está muito próxima de **tucumana** e **bahiana**, das quais difere pelo tamanho avantajado. De **bahiana** distingue-se também pela mancha apical menor; das demais subespécies pela completa falta de outros desenhos alares, além da mancha apical.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Foi descrita por Berg como procedente do Paraguai, sem maiores detalhes de procedência. Na Zoologische Sammlung des bayrischen Staates, Munique, há um macho e duas fêmeas da Bolívia e no British Museum (Nat. Hist.), Londres, encontram-se um macho de S. Julien Chiquitos, Eastern Bolívia, três machos de Bueyes, Bolívia (não localizado na fig. 14) e quatro machos sem procedência. (Fig. 14).

Barbicornis basilis tucumana Thieme, 1907 n. status

Figs. 14, 63 e 64

Barbicornis tucumana Thieme, 1907, Berl. Ent. Ztsch., 52:7, t. 1, fig. 21 (Tucumán — Argentina). — Koshler, 1923, Zeit. wiss. Insektenbiol., 18, Beiheft, p. 28 (lista, dist. geogr.). — Koehler & Strassberger, 1928, Publ. Breyer, Buenos Aires, p. 4 (lista).

Barbicornis acroleuca tucumana; Stichel, 1910, in Wytsman, Gen. Ins., fasc. 112A, p. 151 (cat.) — Seitz, 1917 & 13, Gross-Schmett. Erde, 5:663, t. 132a (tax., dist. geogr.). — Stichel, 1930, Lep. Cat. 40:386 (cat., dist. geogr.). — Hayward, 1939, Physis, Buenos Aires 17:338 (tax.). — Hayward, 1950, Acta. Zool. Lilloana, 9: 148 (cat.). — Hayward, 1973, Op. Lilloana XXIII:172 (cat., dist. geogr.).

TIPO

O holótipo de **tucumana** é um exemplar macho na coleção "Zoologische Sammlung des bayerischen Staates", Munique, Alemanha, que possue as seguintes etiquetas: "/macho **Barb. tucumana** Thieme

typ. Tucuman, Argent./ holotypus macho **Barbicornis tucumana** Thiem, Zool. Staatssammlung — Muenchen / Tucuman Nd. Argentin., H. Rolle, Berlin, SW.11/".

HISTÓRICO

A descrição original foi apresentada por Thieme (1907), baseada em um exemplar macho de Tucumán. Koehler (1923) faz uma simples citação. O primeiro a citá-la como subespécie de **acroleuca** foi Stichel (1910). Seitz (1917) e Hayward (1939) redescreveram-na e Hayward (1950) apresenta um breve catálogo.

DESCRIÇÃO

Macho: Comprimento da asa anterior entre 13,8 e 15,0 mm, ($\bar{X} = 14,5$); largura máxima da asa anterior entre 7,3 e 8,3 mm, ($\bar{X} = 7,8$).

Cor geral negra. Os dois artículos basilares dos palpos, metade inferior do fronto-clípeo, área temporal, occipício, colar e extremidade abdominal alaranjadas.

Face dorsal com as veias bem destacadas, de cor cinzento-clara até a proximidade das margens, incluindo as discocelulares, uma linha entre Cu_2 e 2A mais destacada na metade distal da asa posterior e uma indicação das medianas dentro das células. Ápice da asa anterior finamente branco entre R_3 e M_2 , de 0,1 a 0,5 mm de largura entre R_{4+5} e M_1 ; franjas marginais brancas junto à mancha apical; pretas na margem externa. Prolongamento alar de 5,0 a 6,6 mm de comprimento ($\bar{X} = 5,4$); franjas marginais negras.

Face ventral semelhante à dorsal, no entanto a veia 2A da asa anterior é mais nítida.

Fêmea: Comprimento da asa anterior de 14,3 mm; largura máxima da asa anterior de 8,1 mm; prolongamento alar de 6,1 mm. Excluindo o fato de as asas anteriores serem mais arredondadas, é igual ao macho.

DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Os exemplares desta supespécie são em média os menores e parecem ocorrer somente na Província de Tucumán, Argentina.

Está muito próxima de **acroleuca** e **bahiana** e das quais se distingue pelo menor tamanho e de **bahiana** ainda pela largura máxi-

ma da mancha apical (0,1 a 0,5 mm); das demais subespécies pela completa ausência de outros desenhos alares, além da mancha apical.

Há poucos exemplares para poder afirmar qual a época de vôo, mas os coletados são de janeiro e fevereiro.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Ocorre na Argentina na província de Tucumán (Choromoro, San Pedro Colalao). (Fig. 14).

MATERIAL ESTUDADO

Argentina: Tucumán (Las Huigueras-Choromoro), 2 machos e 1 fêmea 24-I-1970, Mielke leg., 1262, 1263, 1264 (DZ); Tucumán (San Pedro Colalao), 3 machos II-1949 Arnaud leg., 1870, 1871, 1872 (HE).

Barbicornis basilis marginata Seitz, 1913 n. status

Figs. 14 e 58 - 60

Barbicornis marginata Seitz, 1917 & 13, Gross-Schmett. Erde, 5:664, t. 132b, (Bahia). — Stichel, 1928, Deut. Ent. Ztschr., 29:236 (tax.). — Stichel 1930, Lep. Cat. 40:387 (cat., dist. geogr.). — Brown & Mielke, 1967, J. Lep. Soc., 27:147 (dist. geogr.).

TIPO

O tipo de **marginata**, da Bahia, está no British Museum (Nat. Hist.) e possue as seguintes etiquetas: "/Type/ **Barbicornis marginata** Sz./ Joicey Bequest B.M. 1939-1/".

HISTÓRICO

A descrição original foi apresentada por Seitz (1917), indicando como procedência somente Bahia. Stichel (1928) refere-se ao mitemismo com **Lymnas alena**. Brown & Mielke (1967) citam-na de Brasília.

DESCRIÇÃO

Macho: Comprimento da asa anterior entre 17,8 e 18,50 mm, ($\bar{X} = 18,16$); largura máxima da asa anterior entre 9,6 e 10,0 mm, ($\bar{X} = 9,8$).

Côr geral negra. Os três artículos ou somente o último dos palpos, metade inferior do fronto-clípeo, occipício, colar e extremidade abdominal alaranjados.

Face dorsal com as veias levemente destacadas, de côr cinzentoclaras, até as proximidades das margens, incluindo as discocelulares, uma linha entre Cu_2 e 2A e uma indicação das medianas dentro das células. Ápice e margem externa da asa anterior alaranjados entre R_3 e M_3 (com 1,5 a 1,6 mm de largura entre R_4+5 e M_1 ; na margem, entre as veias M_3 e Cu_1 uma mancha alaranjada diminuta; franjas marginais alaranjadas entre R_3 e M_2 e negras na parte restante. Prolongamento alar de 5,1 a 5,6 mm de comprimento ($\bar{X} = 5,4$); a faixa alaranjada ao longo de toda a margem externa, da Rs até a 2A, ocupando todo ou quase todo o prolongamento alar, apresentando neste caso na extremidade distal mancha preta diminuta; franjas alaranjadas, podendo haver escamas pretas na margem posterior do prolongamento e na margem após o prolongamento e o ângulo anal.

Face ventral semelhante à dorsal, no entanto as veias são mais nítidas.

Fêmea: Comprimento da asa anterior entre 15,5 e 18,5 mm, ($\bar{X} = 17,0$); largura máxima da asa anterior entre 9,0 e 10,00 mm, ($\bar{X} = 9,5$); prolongamento alar de 4,6 a 4,8 mm ($\bar{X} = 4,7$).

Asas anteriores mais arredondadas. No ápice e na margem da asa anterior com manchas alaranjadas iguais ao macho ou prolongadas até a veia Cu_1 e com manchas marginais entre as veias Cu_1 e Cu_2 , Cu_2 e 2A.

DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Os exemplares desta subespécie distinguem-se das demais pela mancha apical alaranjada prolongada ao longo da margem externa da asa anterior e pela margem externa da mesma coloração na asa posterior.

Há poucos exemplares para poder afirmar qual a época de vôo, mas os exemplares coletados são de fevereiro.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Ocorre no Brasil nos Estados da Bahia e no Distrito Federal — Brasília. (Fig. 14).

MATERIAL ESTUDADO

Bahia: 1 fêmea, sem data, ex. col. Julius Arp, ex. col. Fruhstorfer, 54642 (MN).

Distrito Federal: (Ribeirão da Contagem — Brasília), 2 machos e 1 fêmea 25-II-1966, Mielke leg., 8439, 8440, 8441 (OM).

Barbicoris basilis paraopeba ssp.n.

Figs. 14 e 52 - 57

Barbicoris mona marginata; Rebillard, 1958, Mem. Mus. Nat. Hist. Nat., 15(2):172, pl. 3, fig. 17 (Amazonas ?).

Barbicoris melanops; Brown & Mielke, 1967, Jour. Lep. Soc., 21(3): 147 (dist. geogr.).

Barbicoris mona; Brown & Mielke, 1967, Jour. Lep. Soc., 21(3):147 (part), (dist. geogr.).

TIPOS

Holótipo: macho, na coleção O. Mielke, depositada no Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Paraná, com as seguintes etiquetas: "/macho/ Capt. 27-II-1966, Paraopeba, M. G. Mielke col./8434/Holótipo/ **Barbicoris basilis paraopeba** Lauterjung det. 1976".

Alótipo: fêmea, na coleção O. Mielke, depositada no Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Paraná, com as seguintes etiquetas: "/fêmea/ Capt. 27-II-1966, Paraopeba, M. G. Mielke col. /8437/ Alótipo/ **Barbicoris basilis paraopeba** Lauterjung det. 1976".

Paratipos: conforme relação em material estudado.

HISTÓRICO

Rebillard (1958) descreve e figura um exemplar sob o nome de **mona marginata**. Brown & Mielke (1967) citam-na de Paraopeba (MG) e Chapada dos Veadeiros (GO) e a citação Campinas (atual Goiânia) corresponde a **mona**.

DESCRIÇÃO

Macho: Comprimento da asa anterior entre 17,6 e 19,3 mm, $\bar{x} = 18,0$; largura máxima da asa anterior entre 8,3 e 10,0 mm, $\bar{x} = 9,5$; (holótipo com 19,0 e 10,0 mm respectivamente).

Côr geral negra. Metade inferior do fronto-clípeo e extremidade abdominal alaranjados; palpos, occipício, colar e gena podem apresentar escamas alaranjadas (holótipo com todas as partes acima mencionadas alaranjadas).

Face dorsal com as veias levemente destacadas, de côr-cinzento-

clara, até as proximidades das margens, uma linha entre Cu_2 e 2A (mais destacada na metade distal da asa posterior) e às vezes uma indicação das medianas dentro das células (ausente no holótipo). Asas com uma série de desenhos alaranjados ou brancos (alaranjados no holótipo): ápice da asa anterior na maioria dos exemplares com uma mancha, de largura máxima entre 0,1 e 1,0 mm (holótipo com 0,6 mm) ou somente com as franjas marginais entre R_3 e M_1 , com escamas da côn das demais manchas. Distalmente à discocelular ou encobrindo-a, penetrando desta maneira na célula, uma mancha ovalada, de coloração igual ao ápice, com comprimento entre 2,50 e 3,83 mm e de largura entre 0,8 e 2,50mm (holótipo com 3,6 e 1,6 mm respectivamente). Franjas marginais às vezes com escamas esparsas da côn do ápice. Prolongamento alar de 4,3 a 5,50 mm ($\bar{X} = 4,6$). Margem externa da asa posterior às vezes alaranjada ou somente com algumas escamas brancas nas franjas marginais e parte basal do prolongamento alar.

Face ventral semelhante à dorsal, com as veias e linhas mais nítidas e a indicação das medianas dentro das células ocasionalmente com uma ramificação terminando nas discocelulares, entre M_2 e M_3 .

Fêmea: Comprimento da asa anterior entre 18,0 a 19,0 mm, ($\bar{X} = 18,50$); largura máxima da asa anterior de 9,3 a 10,0 mm, ($\bar{X} = 9,6$); prolongamento alar de 4,6 e 5,0 mm de comprimento ($\bar{X} = 4,8$).

Asas anteriores mais arredondadas. Veias igualmente destacadas. Apice com mancha alaranjada diminuta ou grande e ovalada entre R_{4+5} e M_1 , e com manchas decrescentes nos demais espaços da margem externa, praticamente invisíveis entre Cu_1 e 2A. Mancha na região das discocelulares semelhante à do macho. Franjas marginais negras exceto na região apical. Asa posterior com a margem fina ou largamente alaranjada, de 0,17 a 2,0 mm de largura. Quando a faixa marginal é larga, o alaranjado cobre todo o prolongamento alar.

DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Conservo o nome **paraopeba** que já havia sido dado pelo Dr. Heinz Ebert (*in litt.*) aos exemplares de sua coleção.

Os exemplares desta subespécie polimórfica, distinguem-se dos demais pela presença de uma mancha ovalada, branca, amarelada ou alaranjada na região das discocelulares, na asa anterior. A margem externa e as franjas da asa posterior podem ser amareladas, alaranjadas ou somente há algumas escamas brancas nas franjas, quando a mancha discocelular é branca.

Está muito próxima de **marginata** da qual difere pela presença, da mancha acima mencionada e pela mancha apical de 0,1 a 1,0 mm de largura máxima.

Com base nas datas de coleta pode-se afirmar que há exemplares voando nos meses de dezembro e fevereiro.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Ocorre no Brasil no noroeste de Minas Gerais (Curvelo, Paraopeba), sudeste de Goiás (Cavalcante) e Bahia (Santo Antônio da Barra) (Fig. 14).

MATERIAL ESTUDADO

Minas Gerais: Curvelo (Córrego do Leitão, 700m), 1 macho 15-XII-1968, H. Ebert leg. 1874 (HE); Paraopeba (750m), 6 machos e 1 fêmea 27-II-1966, Mielke leg., 8432, 8433, 8434, 8435, 8436, 8437 (OM); Paraopeba (750m), 1 macho 19-II-1966, Mielke leg., 1875 (HE).

Goiás: Cavalcante, 2 machos e 1 fêmea, sem data, col. Gagarin, 1322, 1323, 1328 (DZ).

Há ainda dois exemplares machos de Santo Antônio da Barra, Pr. de Bahia (atualmente Condeuba), Gounelle 11.12.88, ex. Oberthür Coll. no British Museum (Nat. Hist.), Londres.

Barbicornis basilis bahiana ssp. n.

Figs. 14 e 67 - 68

TIPOS

Holótipo: macho depositado na coleção do Departamento de Zoologia, com as seguintes etiquetas: "/ **acroleuca** Berg, V. Nova, Bahia, E. May, Rio de Janeiro/ Holótipo/ **Barbicornis basilis bahiana** Lauterjung 1976 det. DZ 1463/", faltando neste exemplar as patas meso e metatorácicas.

Alótipo: fêmea depositada na coleção do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, com as seguintes etiquetas: "/Bahia, Garbe leg/ **B. acroleuca** Garbe/ 54213/ Alótipo/ **Barbicornis basilis bahiana** Lauterjung det. 1976/".

Paratipos: conforme relação do material estudado.

DESCRÍÇÃO

Macho: Comprimento da asa anterior entre 16,6 e 18,5 mm, ($\bar{X} = 17,2$); largura máxima da asa anterior entre 8,3 e 8,6 mm, ($\bar{X} = 8,4$), (holótipo com 16,6 e 8,3 mm respectivamente).

Cor geral negra. Os três artículos dos palpos, metade inferior do fronto-clípeo, área temporal, occipício, colar e extremidade abdominal alaranjadas.

Face dorsal com as veias bem destacadas, de côntra-cinzeno-clara, até proximidade das margens, incluindo as discocelulares, uma linha entre Cu_2 e 2A mais destacada na metade distal da asa posterior e uma indicação, visível na face dorsal, das medianas dentro das células. Apice da asa anterior branco entre R_3 e M_1 , formando uma mancha oval de 1,0 a 1,6 mm de largura entre R_{4+5} e M_1 ; franjas marginais brancas junto à mancha apical; negras, brancas ou mescladas na margem externa. Prolongamento alar da asa posterior de 4,3 a 5,3 mm ($\bar{X} = 4,9$) (holótipo com 5,3 mm); franjas negras, exceto na margem externa, anterior ao início do prolongamento alar e às vezes ocupando a parte basal anterior deste.

Face ventral semelhante à dorsal, no entanto as veias são mais nítidas.

Fêmea: Comprimento da asa anterior de 15,8 mm; largura máxima da asa anterior de 8,3 mm; prolongamento alar de 6,6 mm de comprimento.

Excluindo o fato das asas anteriores serem mais arredondadas, é igual ao macho. A mancha oval no ápice tem 0,8 mm de largura máxima.

DISCUSSÃO TAXONÔMICA

Esta subespécie parece ocorrer somente na Bahia e nenhum exemplar traz a data de coleta.

Está muito próxima de **acroleuca** e **tucumana**; em tamanho é menor que **acroleuca** e maior que **tucumana** e destingue-se das duas pela largura máxima da mancha apical (1,0 a 1,6 mm) e de **tucumana** pela presença de escamas brancas na margem externa anterior ao prolongamento alar; das demais subespécies pela ausência de outros desenhos alares além dos acima mencionados.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Ocorre no Brasil no Estado da Bahia (Vila Nova — atual Senhor do Bonfim). (Fig. 14).

MATERIAL ESTUDADO

Bahia: Vila Nova (atual Senhor do Bonfim), 1 macho, sem data, E. May, ex. col. Gagarin (DZ 1463), holótipo; 2 machos e 1 fêmea, sem data, Garbe leg., 54124, 54125 e 54213 (MZ).

RESUMO

O gênero **Barbicornis** Godart, 1824, é considerado como uniespecífico, **basilis** Godart, 1824, e contendo além da forma típica, cinco subespécies válidas: **mona** Westwood, 1851, **acroleuca** Berg, 1896, **ephippium** Thieme, 1907, **tucumana** Thieme, 1907, e **marginata** Seitz, 1913, às quais se acrescentam mais duas subespécies novas: **paraopeba** (Minas Gerais, Bahia e Goiás, Brasil) e **bahiana** (Bahia, Brasil). Uma sucinta análise zoogeográfica da subespecialização acompanha a sistemática do grupo.

Palavras chave: Lepidoptera, Lycaenidae, Riodininae, Taxonomia.

SUMMARY

The genus **Barbicornis** Godart, 1824, is considered as unispecific, **basilis** Godart, 1824, having besides the typical form five valid subspecies: **mona** Westwood, 1851, **acroleuca** Berg, 1896, **ephippium** Thieme, 1907, **tucumana** Thieme, 1907, and **marginata** Seitz, 1913, to which two new subspecies: **paraopeba** (Minas Gerais, Goiás and Bahia, Brasil) and **bahiana** (Bahia, Brasil) are added. A succinct zoogeographical analysis of the subspeciation is presented.

Key Words: Lepidoptera, Lycaenidae, Riodininae, Taxonomy.

RÉSUMÉ

Le genre **Barbicornis** Godart, 1824 est considéré comme ayant une seule espèce, **basilis** Godart, 1824. Ce genre comprend la forme typique et cinq sous-espèces: **mona** Westwood, 1851, **acroleuca** Berg, 1896, **ephippium** Thieme, 1907, **tucumana** Thieme, 1907, et **marginata** Seitz, 1913, auxquelles sont ajoutées deux nouvelles sous-espèces: **paraopeba** (Minas Gerais, Goiás et Bahia, Brésil) et **bahiana** (Bahia, Brésil). Une analyse zoogéographique de ces sous-espèces est faite, en même temps que la systématique du groupe.

Mots Clés: Lepidoptera, Lycaenidae, Riodininae, Taxonomie.

AGRADECIMENTOS

Fico imensamente grata aos Professores Pe. Jesus Santiago Moura, Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Entomologia da Universidade Federal do Paraná, Prof. Olaf Hermann Hendrik Mielke, Chefe do Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Paraná e Dr. Ubirajara R. Martins do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo pela orientação e estímulo dados e pela crítica do manuscrito.

Agradeço ainda a todas as pessoas mencionadas na relação das

Coleções de onde provieram os exemplares estudados, sem os quais teria sido impossível realizar o trabalho e especialmente aos Doutores P. R. Ackery e A. Watson, ambos do British Museum, Inglaterra, pelas fotografias dos tipos de *dibaphina*, *mona* e *melanops*; ao Dr. H. J. Hannemann do Zoologisches Museum de Berlim, Alemanha, pelo empréstimo dos tipos de *monacha* e *apotacta*; aos Doutores W. Forster e Wolfgang Dierl, ambos da Zoologische Sammlung des bayerischen Staates em Munique, Alemanha, pelas fotos de *ephippium* e *tucumana* e desenho da genitália de *ephippium*. Pelos trabalhos fotográficos agradeço ao Pe. Jesus Santiago Moure e ao Prof. Albino M. Sakakibara.

Estes agradecimentos são extensivos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pela valiosa bolsa que me permitiu concluir o Curso de Pós-Graduação em Entomologia e ainda a todos os professores e colegas que não negaram colaboração e estímulo para a realização deste trabalho.

B I B L I O G R A F I A

- 1 — AUDOUIN, J. V., in Georges Cuvier. *Le Régne Animal distribué d'après son Organisation, pour servir de base à l'histoire naturelle des animaux et d'introduction à l'anatomie comparée*. Edition accompagnée de planches gravées, représentant les types de tous les genres, les caractères distinctifs des divers groupes et les modifications de structure sur lesquelles reposé cette classification, par une réunion de disciples de Cuvier, Audouin, Blanchard, Deshayes, Alcides D'Orbigny, Doyère, Dugès, Duvernoy, Laurillard, Milne Edwards, Roulin et Valenciennes, vol. 2, pl. 1-143, Fortin, Masson et Cie, Libraries, Paris. 1836-1846.
- 2 — BATES, H. W., A Catalogue of Erycinidae, a Family of Diurnal Lepidoptera. *Jour. Linn. Soc.*, London, 9:367-459. 1868.
- 3 — BERG, C., Descripción de tres nuevos Lepidópteros de la colección del Museo Nacional de Buenos Aires. *Anal. Mus. Nac.*, Buenos Aires, 4: 1-4, 3 figs. 1896.
- 4 — BIEZANKO, C. M., RUFFINELLI, A. & ACHAVAL, F., Lepidoptera del Uruguay. Notas Complementares V. *Rev. Biol. Uruguay*, Montevideo, 1(2):179-189. 1973.
- 5 — BLANCHARD, E., Orth., Neur., Hém., Lép., Dipt., in F.L.L. de Castelnau, *Histoire Naturelle des Animaux Articulés*, 3, 672 pp., 72 pls., P. Duménil, Paris, 1840.
- 6 — BOENNINCHAUSEN, V. von., Beitrag zur Kenntnis der Lepidopteren — Fauna von Rio de Janeiro. *Deut. Ent. Ztschr. Iris*, Dresden, 14:65-87. 1901.
- 7 — BOISDUVAL, J. A., *Histoire naturelle des Insectes. Spécies général des Lépidoptères*, 1:XII + 690, 24 pls. com 6 pp. expl., Paris. 1836.
- 8 — BROWN, K. & MIELKE, O. H. H., Lepidoptera of the Central Brazil Plateau I. Preliminary List of Rhopalocera: Introduction, Nymphalidae, Libytheidae. *Jour. Lep. Soc.*, Lawrence 21(2):77-106, 4 figs. 1967.
- 9 — BROWN, K. & MIELKE, O. H. H., Lepidoptera of the Central Brazil Plateau I. Preliminary List of Rhopalocera (continued): Lycaenidae, Pieridae, Papilionidae, Hesperiidae. *Jour. Lep. Soc.*, Lawrence, 21(3):145-168. 1967.
- 10 — BUTLER, A. G., Description of Exotic Lepidoptera from the Collection of Herbert Druce. *Cist. Ent.*, London, 1:17-32. 1870.

- 11 — BUTLER, A.G., Descriptions of new species of Lepidoptera. *Cist. Ent.*, London, 1: 151-181. 1873.
- 12 — CLENCH, H. K., Revised classification of the butterfly family Lycaenidae and its allies. *Ann. Carn. Mus.*, Pittsburgh, 33(16):261-274, 1 fig. 1955.
- 13 -- COMMON, I. F. B., in *Insects of Australia*, Chapter 36, pp. 765 a 866, Hong Kong e Victoria. 1970.
- 14 — COWAN, F., "Enc. Méth. 9". *J. Soc. Biphy. nat. Hist.*, London, 4(6):307-311. 1970.
- 15 — DOMINGUES, A. J. P., NIMER, E. & ALONSO, M. T. A., Quadro Natural — Subsídios à Regionalização — IBGE, 36 pp., 10 mapas. 1968.
- 16 — EHRLICH, P. R., The Comparative Morphology, Phylogeny and Higher Classification of the Butterflies (Lepidoptera: Papilloidea). *Univ. Kansas Sc. Bull.* Lawrence, XXXIX (8):305-370, 64 figs., 1958.
- 17 — EHRLICH, P. R. & EHRLICH, A. H., The phenetic relationship of the Butterflies I. Adult Taxonomy and the nonspecificity Hypothesis. *Syst. Zool.*, Lawrence, 16(4):301-317. 1967.
- 18 — ELLIOT, J. N., The higher classification of the Lycaenidae (Lepidoptera): A Tentative Arrangement. *Bull. Brit. Mus. (Nat. Hist.)*, London, 28(6): 371-505. 1973.
- 19 — GLASER, G., Exotische Schmetterlingsgattungen. *Cat. etymol. Coleopt. et Lepidopt.* Berlin, 8, 396 pp. 1887.
- 20 -- GRAY, G., The Class Insecta arranged by the Baron Cuvier with Supplementary additions to each order, by Griffith, Pidgeon and notices of new genera and species by George Gray. *Anim. Kingdom*, London, 15:1-796, 125 pl. 1832 & 1835.
- 21 — HAYWARD, K. J., Contribucion al conocimiento de las "Riodinidae" argentinas. *Physis*, Buenos Aires 17:317-374, 1 fig. 1939.
- 22 — HAYWARD, K. J., Catalogo sinonimico de los ropaloceros argentinos, excluyendo "Hesperiidae". *Acta Zool. Lilloana*, Tucumán, 9:85-281. 1950.
- 23 — HAYWARD, K. J., Catalogo de los ropalóceros argentinos. *Op. Lilloana*, Tucumán, XXIII: 1-318. 1973.
- 24 — HEMMING, F. The generic names of the Butterflies and their type — species (Lep. Rhop.). *Bull. Brit. Mus. (Ent.)*, London, Suppl. 9:1-509. 1967.
- 25 — HERRICH-SCHAFFER, G.A.W. Prodromus systematis Lepidopterorum III. Versuch einer systematischen Anordnung der Schmetterlinge. *Corr. - Blatt. zool.-min. Ver.*, Regensburg, 22:113-138, 172-176. 1868.
- 26 — HOFFMANN, F. Beiträge zur Lepidopterenfauna von Santa Catarina. *Ent. Rdsch.*, Stuttgart, 53 (sep. pp. 1-8). 1935.
- 27 — HUECK, K. & SEIBERT, P. *Vegetationskarte von Sudamerika*, 71 pp., 1 Karte, Stuttgart. 1972.
- 28 — KIRBY, W. F. A synonymic Catalogue of Diurnal Lepidoptera. 690 pp., Voorst, London. 1871.
- 29 -- KIRBY, W. F. A synonymic Catalogue of Diurnal Lepidoptera, Suppl. pp. 691-884, Voorst, London. 1877.
- 30 — KIRBY, W. F. Catalogue of the Collection of Diurnal Lepidoptera formed by the late William Chapman Hewitson, of Oaklands, Walton-on-Thames, and bequeathed by him to the British Museum, 4, 246 pp., Voorst, London. 1879.
- 31 — KIRBY, W. F. Catalogue of the Lepidoptera (Rhopalocera, Sphingidae, Castniidae and Uraniidae) in the Museum of Science and Art, Dublin, with remarks on new

- or interesting species. *Scient. Proc. R. Dublin Soc.*, Dublin, n. ser. 2:292-340
1880.
- 32 — KOEHLER, P. I. Teil. Rhopalocera. Systematischer Katalog und Studien, Berichtigungen und Neubeschreibungen. Fauna Argentina. *Ztschr. wiss. Insekteniol.*, Berlin, 18, Beiheft, 34 pp., 3 Taf. 1923.
- 33 — KOEHLER, P. & STRASSBERGER, R. *Catalogo de Lepidopteros Argentinos*. 12 pp., Publ. Breyer, Buenos Aires. 1928.
- 34 — LATREILLE, P. & GODART, J. B. *Encyclopédie méthodique*, 9:1-828. 1819-1924.
- 35 — LATREILLE, P. *Familles naturelles du Règne Animal*, 570 pp., J-B. Baillière, Paris. 1825.
- 36 — LUCAS, H., in Chenu. *Encyclopédie d'Histoire Naturelle*. 9(1): 1-310, 531 figs., Librairie de Firmin-Didot Et Cie, Paris. 1853.
- 37 — MARTINS, U. R. Monografia da tribo Ibridionini (Coleoptera, Cerambycidae). Parte VI. *Arq. Zool.*, São Paulo 16(6): 1343-1508, 18 figs. 1971.
- 38 — MAYR, E. *Principles o Systematic Zoology*, MacGraw — Hill Book Company N. York, 428 pp. 1969.
- 39 — MÉNÉTRIÉS, E. *Enumeratio Corporum Animalium Musei Imperialis Academiae Scientiarum Petropolitanae. Classis Insectorum, Ordo Lepidopterorum. Pars. I. Lepidoptera Diurna. Catalogue de la Collection Entomologique de l'Académie Impériale des Sciences de St.-Pétersbourg*, 97 pp., 6 pls., Petropoli. 1855.
- 40 — MENGEL, L. W. A Catalogue of the Erycinidae, a family of Butterflies, with the synonymy brought down to July 1 (Oct. 1) 1905. *Reading*, Pennsylvania, 161 pp. 1905.
- 41 — OITICICA FILHO, J. Sobre a morfologia do pênis em Lepidoptera. *Bol. Mus. Nac.*, Rio de Janeiro, 50:1-36, 49 figs. 1946.
- 42 — PIEPERS. Ueber die sogenannten "Schwaenze" der Lepidoptera. *Deut. Ent. Ztschr. Iris*, Berlin, 16: 247-285, 1904.
- 43 — REBILLARD, P. Contribution a la Connaissance des Riodinidae Sud-Américains. *Mem. Mus. Nat. Hist. Nat.*, Paris, série A, Zoologie, 15(2): 135-216, 10 pls. 1958.
- 44 — REUTER, E. Ueber die Palpen der Rhopaloceren. *Acta. Soc. Scient. Fenn. Helsingfors*, 22(1): I-XVI + 1-577, 6 Taf. 1896.
- 45 — ROEBER, J. in Staudinger & Schatz. *Exotische Schmetterlinge* 2:181-284, pls. 35-50, G. Loewensohn in Fuerth (Bayern). 1889 e 1892.
- 46 — ROEBER, J. Die sogenannten "Schwaenze" der Lepidopteren. *Stett. Ent. Ztg.*, Stettin, 66:247-259. 1905.
- 47 — SEITZ, A. Betrachtungen ueber Eryciniden. *Ent. Rdsch.*, Stuttgart, 33:33, 37-39, 45-46, 49-50, 52-53, 59-60, 62-64. 1916.
- 48 — SEITZ, A. *Gross-Schmetterlinge der Erde*, vol. 5, 1137 pp., 194 pls., A. Kernen, Stuttgart. 1913 & 1917.
- 49 — SCUDDER, H. Historical Sketch of the generic names proposed for butterflies: a contribution to systematic nomenclature. *Proc. Amer. Ac. Arts & Sc.*, Boston 10:91-293. 1875.
- 50 — STAUDINGER, O., in Staudinger & Schatz. *Exotische Schmetterlinge*, 1:1-333, 100 pls. G. Loewensohn in Fuerth (Bayern.). 1884-1888.
- 51 — STICHEL, H. Vorarbeiten zur Revision der Riodiniden Grote (Erycinidae Swains.). *Berl. Ent. Ztsch.*, Berlin, 53 (1908):254-275, 54 (1909): 1-48. 1908 e 1909.
- 52 — STICHEL, H. in Wytsman. *Genera Insectorum*, Lepidoptera, fam. Riodinidae, 1: 1-238, 23 Taf., Bruxelas. 1910.

- 53 — STICHEL, H. Beitraege zur Kenntnis der Riodinidenfauna Suedamerikas I. *Ztschr. wiss. Insektenbiol.*, Berlin, 12:163-169, 238-244. 1916.
- 54 — STICHEL, H. Beitraege zur Kenntnis der Riodinidenfauna Suedamerikas III. Minas Gerais. *Ztschr. wiss. Insektenbiol.*, Berlin, 18:19-5 figs. 1923.
- 55 — STICHEL, H. Nacharbeiten zur Revision der Riodiniden II. (Lep.). *Deut. Ent. Ztschr.*, Berlin, pp. 409-424. 1924.
- 56 — STICHEL, H. Beitraege zur Kenntnis der Riodinidenfauna Suedamerikas VIII. *Ztschr. wiss. Insektenbiol.*, Berlin, 21:98-105. 1926.
- 57 — STICHEL, H. Nacharbeiten zur Revision der Riodiniden III. (Lep.). *Ztschr. wiss. Insektenbiol.*, Berlin, 23:35-46. 1928.
- 58 — STICHEL, H. Die Veröffentlichungen ueber Eryciniden von A. Seitz im Spiegelbild der Kritik. *Deut. Ent. Ztschr.*, Berlin, 29:146-160, 225-266, 3 pls., 11 figs. 1928.
- 59 — STICHEL, H. Riodinidae II: Nemeobiinae II e Riodininae I. *Lep. Cat.* Berlin, 40:113-544. 1930.
- 60 — STICHEL, H. Nacharbeiten zur Revision der Riodinidae Grote (= Erycinidae Swains.) V. *Ent. Anz.*, Wien, 9:61-64. 1936.
- 61 — STRAND, E. *Lepidoptera Niepeltiana* 91:1-64, 12 Taf. Wilhelm Niepelt, Zierlau. 1914.
- 62 — THIEME, O. Familiae Lemoniidarum Supplement cum notis (Lep.: Rhop.) *Berl. Ent. Ztschr.*, Berlin, 52:1-16, 1 Taf. 1907.
- 63 — VANZOLINI, P. E. & WILLIANS, E. E. South American Anoles: The Geographic Differentiation and Evolution of the *Anolis Chrysolepis* species group. (Sauria, Iguanidae). *Arq. Zool.*, São Paulo 19(1-2) 1-124, 5 pls. 1970.
- 64 — WESTWOOD, J. O. An Introduction to the modern classification of insects founded on the natural habits and corresponding organization of the different families. 2, XI + 587 pp., 133 figs., Longman, Orme, Brown, Green and Longmans, London. 1840.
- 65 — WESTWOOD, J. O., DOUBLEDAY, E., & HEWITSON, W. The genera of Diurnal Lepidoptera 2, pp. 251-534, taf., Longman, London. 1850-1852.
- 66 — ZIKÁN, J. F. Die Macrolepidoptera des Itatiaya (Suedabhang bei Campo-Bello). *Ent. Rdsch.*, Stuttgart, 45-7-8, 10-11, 13-14, 19-20, 22-23, 26, 32, 35-36, 38-39; 46. 1928.
- 67 — ZIKÁN, J. F. Beschreibung neuer Lepidopteren-Arten, Rassen und Varietäten aus Brasilien nebst kritischen Bemerkungen zu bereits bekannten. *Dusenia*, Curitiba, 3:11-50, 19 figs. 1952.
- 68 — ZIKÁN, J. F. Beitraege zur Biologie von 19 Riodiniden-Arten (Riodinidae-Lepidoptera). *Dusenia*, Curitiba, 4(5, 6): 403-413, 12 figs. 1953.